



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS A. C. SIMÕES  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA  
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

LUIZ MARIANO CAVALCANTE DA SILVA NETO

**HISTÓRIA DA ÁFRICA E AS NARRATIVAS UNILATERAIS: UMA  
DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E NARRATIVAS DEPRECIATIVAS**

Maceió, Alagoas  
2024

LUIZ MARIANO CAVALCANTE DA SILVA NETO

**HISTÓRIA DA ÁFRICA E AS NARRATIVAS UNILATERAIS: UMA  
DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E NARRATIVAS DEPRECIATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Flávia Maria de Carvalho.

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

S586h Silva Neto, Luiz Mariano Cavalcante da.

História da África e as narrativas unilaterais: uma desconstrução de estereótipos e narrativas depreciativas / Luiz Mariano Cavalcante da Silva Neto. – 2024.

46 f.

Orientadora: Flávia Maria de Carvalho.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História. Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 45- 46.

1. África - História. 2. África - Estudo e ensino. 3. Cultura africana. 4. Racismo. 5. Identidade negra. I. Título.

CDU: 94(6)



## TERMO DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pelo aluno Luiz Mariano Cavalcante da Silva Neto, intitulado **HISTÓRIA DA ÁFRICA E AS NARRATIVAS UNILATERAIS: UMA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E NARRATIVAS DEPRECIATIVAS** foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora, cumprindo as exigências para obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA:

 Documento assinado digitalmente  
FLAVIA MARIA DE CARVALHO  
Data: 05/02/2024 00:00:51-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.(a) \_\_\_\_\_

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flávia Maria de Carvalho

 Documento assinado digitalmente  
IDALINA MARIA ALMEIDA DE FREITAS  
Data: 05/02/2024 15:35:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(a): Prof.(a) \_\_\_\_\_

1º Examinadora Prof<sup>a</sup> Dra. Idalina Maria Almeida de Freitas (UNILAB)

(a): Prof. \_\_\_\_\_

2º Examinador Prof. Dr Danilo Luiz Marques (UFAL)

 Documento assinado digitalmente  
DANILO LUIZ MARQUES  
Data: 05/02/2024 10:32:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Maceió, Alagoas 11/12/2023

## **AGRADECIMENTOS**

Queria agradecer inicialmente a professora Flávia, todo apoio, carinho e paciência que ela teve comigo foi extremamente importante durante essa trajetória.

Meus amigos, tanto os da graduação quanto os que estão presentes na minha vida, foram também importantes nos momentos de angústia e insegurança que, infelizmente, estão presentes nessa caminhada.

Por fim, e não mesmo importante, queria agradecer a mim mesmo por não ter desistido, agradecer a mim mesmo por ter acreditado quando todos desacreditaram. A trajetória e caminhada durante a graduação me fizeram amadurecer e me tornaram forte para enfrentar as adversidades que foram impostas por uma realidade tão dura e cruel. Então, esses agradecimentos são, sobretudo, para mim mesmo.

## RESUMO

A construção preconceituosa e unilateral de narrativas acerca do continente africano representou a forma como a história da África foi pensada e imaginada ao longo de séculos. Grande parte dessas *literaturas de viagens* desconectadas com a realidade da cultura africana, contaminou o imaginário social e a forma como a cultura africana foi pensada e imaginada repleta de significados negativos. Sendo assim, o objetivo central deste trabalho é abordar e analisar de forma crítica como as imagens depreciativas acerca das culturas africanas foram construídas e seus impactos no imaginário social. Propõe-se, dessa maneira, uma análise aprofundada de diversas obras tais como artigos, livros e dissertações com a finalidade de expor essas narrativas repleta de estereótipos e entendê-los em seus contextos. Diante disso, por meio desse trabalho, verifica-se o preconceito estrutural enraizado no imaginário social e seus impactos nas culturas africanas e afro-brasileiras, foi constatado também essas representações depreciativas presentes nos livros didáticos do ensino básico brasileiro. Dessa forma, por meio desse trabalho, é possível compreender o estigma com a qual a história da África foi tratada, questionar o lugar social que a África foi posta na história e desmistificar determinadas concepções.

**Palavras-Chaves:** Ensino de História, História Única, Narrativas de Viagens, Racismo.

## RÉSUMÉ

La construction partisane et unilatérale de récits sur le continent africain représente la manière dont l'histoire de l'Afrique a été pensée et imaginée pendant des siècles. Une grande partie de cette littérature de voyage, déconnectée de la réalité de la culture africaine, a contaminé l'imaginaire social et la manière dont la culture africaine était pensée et imaginée, pleine de significations négatives. L'objectif central de ce travail est donc d'aborder et d'analyser de manière critique la manière dont les images désobligeantes sur les cultures africaines ont été construites et leurs impacts sur l'imaginaire social. Ainsi, une analyse approfondie de divers ouvrages tels que des articles, des livres et des mémoires est proposée dans le but d'exposer ces récits pleins de stéréotypes et de les comprendre dans leurs contextes. Ainsi, à travers ce travail, les préjugés structurels enracinés dans l'imaginaire social et leurs impacts sur les cultures africaines et afro-brésiliennes ont été vérifiés, ainsi que ces représentations désobligeantes présentes dans les manuels scolaires brésiliens d'éducation de base. Ainsi, à travers cet ouvrage, il est possible de comprendre les stigmates avec lesquels l'histoire de l'Afrique a été traitée, de s'interroger sur la place sociale que l'Afrique a été placée dans l'histoire et de démystifier certaines conceptions.

**Mots clés:** Enseignement de l'histoire, histoire unique, récits de voyage, racisme.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CAPÍTULO 1 - O IMAGINÁRIO SOCIAL E A PROBLEMÁTICA DA “HISTÓRIA ÚNICA” .....</b>	<b>11</b>
<b>3 CAPÍTULO 2 - NARRATIVAS DE VIAGENS DE IBN KHALDUN NO SÉCULO XIV E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRICANA .....</b>	<b>22</b>
<b>4 CAPÍTULO 3 - LIVROS DIDÁTICOS E A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DAS CULTURAS AFRICANAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA .....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das preocupações da História é analisar e questionar determinadas narrativas dentro de seu contexto, sob a perspectiva de quem as emite, onde foi criada e qual a razão de sua criação. O trabalho a seguir é fruto desses questionamentos cuja análise é focada em compreender o surgimento das narrativas depreciativas e pejorativas que foram construídas de forma preconceituosa contra as culturas africanas ao longo da história. Hoje, no mundo contemporâneo, essas narrativas tornaram-se sinônimos de segregação, genocídio e exclusão da esfera social de todas as pessoas negras e afrodescendentes.

Esse trabalho merece uma atenção substancial devido a ressignificação que eu atribuo às palavras, as narrativas e os questionamentos acerca da produção imagética e depreciativa que foram atribuídas a história africana, além do mais, a minha intenção é questionar o lugar social que a história africana foi posta ao longo da história e suas consequências práticas para esses povos. Uma consequência dessa racialização da cultura negra para os dias atuais é o racismo estrutural impregnado nas esferas da sociedade brasileira. Silvio Almeida terá uma importância muito grande nesse trabalho devido seus estudos sobre racismo estrutural, nas palavras do autor:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p.25).

Sociedades marcadas pela escravidão tiveram consequências imensuráveis para as culturas negras, entre elas, a segregação e exclusão dos espaços públicos devido o racismo estrutural. Essa estrutura por meio das narrativas depreciativas e que culminaram em uma História Única desses povos, não surgiu somente no contexto da diáspora africana no processo da colonização.

O recorte feito aqui data de meados do século XIV, com os árabes mulçumanos e suas influências no continente africano. Por meio das literaturas de viagens de Ibn Khaldun, é percebido que desde o século XIV já havia palavras e narrativas desqualificadoras dos povos africanos que viviam no norte da África. Além disso, este trabalho constata que grande parte dessas narrativas foram construídas por mitos, pelas literaturas de viagens e por aquilo que se acreditava que existia nesse continente.

O primeiro capítulo deste trabalho está focado em compreender até que ponto as narrativas depreciativas foram desqualificadoras para as culturas africanas tanto na história da África quanto para os povos afrodescendentes. Ademais, o primeiro capítulo também

busca analisar e compreender como essas narrativas depreciativas formaram no imaginário social formas negativas cheias de estereótipos racistas e preconceituosas. A autora Chimamanda Ngozi Adichie e seu livro fruto da sua palestra, *o perigo de uma história única*, terá grande fundamento nesse trabalho já que estou falando sobre essas narrativas construídas de forma preconceituosa.

Já o segundo capítulo que eu o intitulei de *narrativas de viagens de Ibn Khaldun no século XIV e a construção da identidade africana*. Neste capítulo, estou abordando como esse autor viu os africanos e suas culturas bem como a exaltação que ele faz da cultura árabe em detrimento da cultura africana. Além disso, um questionamento bastante pertinente é como a cultura árabe do século XIV foi responsável por construir de forma unilateral uma história das culturas africanas que para eles era homogênea, ou seja, sem particularidades e sem singularidades. Dessa maneira, impactando na construção de imagens mentais sobre as identidades africanas.

Por fim, o terceiro capítulo deste trabalho está dedicado a compreender os *livros didáticos e a desconstrução dos estereótipos das culturas africanas na educação básica brasileira*. Esse capítulo é muito importante devido a uma série de questões, entre elas, os impactos das narrativas dentro do aspecto educacional. Além do mais, outro fator de grande relevância é o espaço que é reservado a história da África nos livros didáticos bem como as narrativas construídas em torno das narrativas africanas e de suas culturas.

É evidenciado, portanto, que a educação está repleta de estigmas negativos e estereotipados porque muitas das vezes o continente africano acaba reduzido a colonização ou a diáspora africana. Para a construção deste trabalho, foram analisadas diversas obras de extrema importância. No capítulo três, Anderson Ribeiro Oliva e suas contribuições no que diz respeito à educação e seus estudos em história da África tornam-se imprescindíveis para compreender a educação em perspectiva.

## 2 CAPÍTULO I - O IMAGINÁRIO SOCIAL E A PROBLEMÁTICA DA “HISTÓRIA ÚNICA”

O continente africano ao longo da História transitou pelo imaginário de nações e povos ocasionando interpretações que geraram consequências imensuráveis no transcorrer do tempo. Errôneas genealogias foram, ao longo da história da África, criadas como justificativa para a compreensão de um continente pouco investigado e nitidamente não entendido que fez gerar imaginações que provinham de mitos extravagantes e produzidos de maneira irreal pelo imaginário do absurdo.

Isso gerou consequências desmedidas para a história da África que, inclusive, difundiu-se e impactou várias sociedades, principalmente na sociedade brasileira contemporânea. As experiências que a África foi submetida criaram produções e reproduções baseadas em modelos estereotipados e padronizados que a colocaram em uma posição secundária, inerte no curso da história.

Todas essas experiências originaram, principalmente, preconceito com as culturas africanas, suas tradições, seus rituais que a todo o momento foram removidos de sua herança cultural por serem vistos de maneira enigmática, ou seja, diferente de definir e caracterizar. Por essa razão, é necessário compreender não apenas o porquê das culturas africanas terem sido postas em uma relação degradante e pejorativa no percorrer da história, mas ainda os impactos e fundamentos que isso gerou no decorrer do tempo para com a cultura, as impressões imagéticas que foram produzidas em torno dessa relação que o continente negro foi imposta e as intenções que houve nesse processo desumano de desqualificar o outro que tiveram como consequência a produção de uma “História única.”<sup>1</sup>

Ao longo de muito tempo, a África foi vista de maneira depreciativa e preconceituosa, analisada sempre em torno da perspectiva do outro, tornou seus processos construções equivocadas que fez emergir o que denominamos de História Única. Os impactos da História única no imaginário tiveram como consequência uma interpretação equivocada que se difundiu em várias esferas. A imaginação sempre foi um meio recorrente para pensar o outro partindo da perspectiva de si. Com relação aos estudos da África, houve um grande esforço equivocado em tentar compreender seus processos culturais. Ao longo de séculos, por meias de excursões, viagens e navegações de missionários em torno do continente negro provocaram

---

<sup>1</sup> “O perigo de uma história única” é uma adaptação da primeira palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talk, em 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 05/01/2023. Nessa palestra, bem como na leitura do livro publicado pela Companhia das Letras, a autora retrata o perigo das narrativas produzidas sem uma múltipla compreensão das realidades. (NGOZI ADICHIE, Chimamanda, O perigo de uma História única, São Paulo, Companhia das Letras, 2009).

a produção de uma história unilateral e perigosa. Foi por meio dessas aventuras de comerciantes pautadas pela exploração que a perspectiva do outro foi gerada.

Além disso, em vários campos do saber, a África foi estudada de maneira laboratorial com finalidades que tiveram como consequência processos de compreensão irrisórios e desvalorizantes. A exemplo de análise, a etnologia<sup>2</sup>, também chamada de antropologia social e cultural, foi uma ciência produzida em meados do século XVII que empreendia estudos que visavam compreender tanto a natureza daquilo que era desconhecido ou indiferente para a cultura ocidental quanto compreender até que ponto esses povos fogem do que se considerava como “normalidade”.

O objetivo não é abordar a história da etnologia ou seus métodos de estudos, mas compreender que essa produção científica existiu e que seus estudos foram depreciativos além de produzirem preconceitos raciais por ignorarem a alteridade dos povos e seu caráter múltiplo. Dentro do âmbito africano, esse estudo colocava, principalmente, a África em uma situação esdrúxula, na qual retirava do africano o estatuto de ser humano, desumanizando-o por meio da reprodução de discursos discrepantes com a realidade.

Aliado a isto, as primeiras noções de um povo sem História, considerados desumanizados e bestializados, colocados na segregação do tempo histórico<sup>3</sup>. Isso evidencia o fato de que o poder sempre foi um meio necessário de dominação e coerção; o poder enquanto uma relação de forças existe desde o surgimento das primeiras sociedades humanas, ao longo da história da humanidade, esses meios formavam atributos de sobreposição de um grupo em detrimento de outros. O poder no campo ideológico, produzido por meio das ciências, teve papel crucial na formação imagética do continente africano, muitas das vezes, amparadas pela comparação.

A História como poder de construção e de transformação de mentalidades é perigosa para aqueles que foram postos na passividade, inertes de vontade e de consciência como foi visto a história africana. As narrativas necessitam de um olhar amplo para não cair na

---

<sup>2</sup> No livro *Aprender Antropologia* de François Laplantine, o antropólogo cita a etnologia ou a antropologia social como construções que tiveram como fundamento compreender o outro, a sociedade e os meios em que os povos “diferentes” conviviam. Nas palavras do autor: Um dos aspectos cuja abrangência é considerável, já que diz respeito a tudo que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica, seus sistemas de parentesco, seus sistemas de conhecimento, suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas. (LAPLANTINE, 1988, p. 11).

<sup>3</sup> No século XIX, o filósofo George Wilhelm Friedrich Hegel, no livro *Introdução à Filosofia da História*, acerca dos africanos, afirma que: A África não é uma parte histórica do mundo. Não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. Quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático. Aquilo que entendemos precisamente por África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo. (HEGEL, 1995, p. 174 apud OLIVA, 2003, p. 438).

problemática de uma história superficial. Ressalta Chimamanda: “como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas tudo realmente depende do poder.

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (informação verbal<sup>4</sup>). Nesse sentido, deve haver uma preocupação essencial em pensar os impactos da História Única, ou seja, da história contada de maneira unilateral, que negligenciou as singularidades de um continente.

Os espaços onde são produzidas essas falas são espaços de poder, nesses lugares, não há espaços para a singularidade de múltiplas culturas, dialetos e crença, porque delas se sucedem relações econômicas, apropriações e desapropriações; as relações econômicas são muito mais fáceis quando roubamos aquilo que é o outro, quando retiro do opositor a sua humanidade. Por isso que a preocupação em pensar os problemas da história única, é, além de tudo, sobre a desconstrução de estereótipos e discriminações acerca da africanidade.

Vou abordar agora como alguns conceitos criados no decorrer da história foram prejudiciais. O continente africano com toda sua diversidade cultural, seus dialetos, suas religiões bem como a pluralidade de suas representações desde a antiguidade é impactada por exclusões e marginalizações, os gregos, por exemplo, com o conceito de civilização. Na concepção da antiguidade grega, que delimita a civilização a um círculo de valores impostas pelas cidades-estados que era restrita a um grupo, *os helenos*<sup>5</sup>, a noção de civilização<sup>6</sup>.

Todos aqueles que não participassem dos elementos que eram comuns aos gregos, como o idioma e o culto aos deuses, taxativamente eram suprimidos da cultura como também destituídos das noções de humanidade. O bárbaro<sup>7</sup> ou o selvagem como era visto em toda e qualquer cultura que não participava da helenidade sempre sob o filtro da racionalidade filosófica e da democracia ateniense constituiu elemento de exclusão de muitas sociedades antigas, entre elas, a África.

Vale mencionar que a cor da pele era um elemento de distinção, mas não era um elemento de exclusão nas sociedades gregas<sup>8</sup>, contudo, as primeiras noções de civilização foram usadas extensivamente para retirar do outro as noções de humanidade. Por outro lado, a

---

<sup>4</sup> NGOZI ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma História Única. YouTube, 07 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 05/01/ 2023.

<sup>5</sup> Tratava-se de uma questão de helenidade - isto é, nosso sangue comum, nossa língua comum, nossos lugares comuns de culto e de sacrifícios e outros costumes similares (MARK HALL, 2001, p. 214).

<sup>6</sup> No Renascimento, os séculos XVII e XVIII falavam de naturais ou de selvagens (isto é, seres da floresta), opondo assim a animalidade à humanidade. (LAPLANTINE, 1988, p.27).

<sup>7</sup> Segundo François Laplantine no livro aprender antropologia, tanto o conceito de bárbaro quanto o de selvagem foram cunhados em momentos distintos: a antiguidade grega designava sob o nome de bárbaro tudo o que não participava da helenidade. (LAPLANTINE, 1988, p.27).

<sup>8</sup> Vale ressaltar que a diferença de cor, na Grécia Antiga, não era uma questão fundamental que separava aqueles que exerciam atividades laborais compulsórias e aqueles que eram livres (NASCIMENTO, 2019, p.74)

cor da pele será um elemento de exclusão sobretudo no século XVI quando há um contato entre europeus e africanos.

Ainda sobre esse conceito, às noções de civilização também foram construídas em torno da percepção européia do século XVI em detrimento da ótica que foi criada e se sobrepôs ao continente africano. Nesse período da história, com a conquista de novos continentes, particularizando nessa análise o continente africano, há um grande empreendimento investigativo em torno daquilo que não se conhecia, nesse momento, surge o que o historiador Anderson Ribeiro Oliva chamou de “estrutura-comparativo-depreciativa”, pois tudo o que se afastava da Europa em termos culturais, políticos, religiosos e sociais passava por um tipo de *filtro* de legitimidade quanto a sua “normalidade”, ou seja, tudo o que fosse distante da cultura europeia era vista de modo crítico e excêntrico<sup>9</sup>.

A principal consequência dessa intransigência foi consolidar intervenções coloniais que tinham como pano de fundo levar a fé cristã, bem como o progresso e o desenvolvimento cultural sob o olhar de superioridade. Alberto da Costa e Silva em seu livro *Imagens da África* relata como o continente negro foi taxado, analisado e visto ao longo da história sempre sob a perspectiva do outro.

Em função disso, as narrativas que foram produzidas, dentro dessa construção imagética da África, foi um elemento essencial que corroborou na reprodução de uma África selvagem, decaída e sem singularidade. Considerada um espaço reduzido a uma unidade territorial sem características que a distingua, bem como seus povos e suas múltiplas variações culturais, o imaginário que percorreu o Ocidente era de um lugar desconhecido cujo “povo” sem autonomia e passível de dominação vivia em estado primitivo, em um cenário caótico onde prevaleciam animais fantásticos e pessoas deformadas, foi esse imaginário que fomentou a construção de um continente à margem da história. Mitificada pela crença do “mal selvagem”, ou seja, o embrutecido, aquele que necessita ser colonizado. Em decorrência disso, foi conspurcada, invadida e violada pelos olhares daqueles que se consideravam superiores na escala evolutiva.

Para além dessa construção mitológica que corroborou na produção imagética da África como um lugar fantástico; o fator climático também foi uma razão encontrada para explicar não apenas suas características físicas, a exemplo do fenótipo africano, como também sua “natureza selvagem” como era considerado na perspectiva eurocêntrica, suas deformidades e seu caráter “animalesco” que o distanciava do estatuto de ser humano. Essa

---

<sup>9</sup> A extrema diversidade das sociedades humanas raramente apareceu aos homens como um fato, e sim como uma aberração exigindo uma justificação. (LAPLANTINE, 1988, p.27).

possível explicação ambiental foi instituída baseada no determinismo geográfico que o colocava em posição degradante e inferiorizada. Albertoda Costa e Silva retrata bem como o continente africano foi visto sob a perspectiva do clima como determinante para a cor negra.

Não se trata de uma pretensa descendência de um ancestral negro, Cam ou que outro nome tenha. Os negros do sul que se instalam numa região temperada [...] dão origem a uma linhagem cada vez mais clara. Inversamente, a gente do norte [...] que se estabelece no sul tem descendentes cuja pele se escurece. O que mostra que é o clima que colore a pele (SILVA, 2012, p. 9).

Todas essas construções racistas acerca do continente negro se perpetuaram ao longo de séculos gerando preconceitos em torno da cultura africana. Esses preconceitos se espalharam para muitos lugares à medida que o continente ia sendo explorado ora pela Europa cristã, ora pelo Oriente Médio islâmico. A partir dessas interações, a ideia de raça<sup>10</sup> ia ficando cada vez mais nítida e mais frequente no vocabulário europeu.

Além do mais, a bestialidade e a ferocidade, também elementos racistas e depreciativos que foram usados para desqualificar o continente e seus povos, foram usados para explicar a composição da natureza africana como algo distante da civilização ocidental. Essa composição parte dos elementos colonizadores de enxergar o outro sob sua ótica, ou seja, contaminados por meio de valores exteriores que taxavam as culturas africanas por meio de suas crenças e costumes diversos.

Essas percepções, além do mais, geraram modos diferentes de entender os elementos particulares da cultura africana, a maneira taxativa que foi submetida por meio de percepções exteriores formou preconceitos que se cristalizaram não apenas no imaginário que corroborou com processos “civilizatórios”, mas também no preconceito estrutural das sociedades contemporâneas. Essas possíveis interpretações durante muito tempo foram tomadas como verdades, principalmente, pelo racismo científico e por seus estudiosos que a todo o momento tentavam encontrar explicações para a “degradação evolutiva” que se encontrava na África.

Os efeitos colaterais dos eventos que marcaram a história e a visão das culturas africanas tiveram como resultado a influência negativa em vários aspectos da vida social que determinaram as interações humanas e convivência entre grupos que se opuseram quanto à origem, à influência e à participação em sociedade. Neste momento é perceptível a extensão dessas problemáticas, pois essas consequências não apenas trouxeram impactos para os povos africanos como também para todos aqueles que possuíram e possuem uma descendência ou raiz cultural com o continente negro, que tanto no Brasil quanto em outras partes da América

---

<sup>10</sup> Seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. (ALMEIDA, 2019, p. 21).

Latina, por exemplo, onde essas sociedades foram marcadas pela escravidão desumana de homens e mulheres negros e negras.

Foram esses fenômenos depreciativos que povoaram e construíram as representações imagéticas do povo negro oriundo dos muitíssimos países africanos. Fruto disso, nasce uma nova sociedade enferma em que o outro é sempre o elemento incomum, e desse modo, uma forma taxativa de qualificar toda essa população que agora vive à mercê de um processo histórico-social que a negam especialmente os valores mais básicos da existência humana.

Assim como as sociedades e as mentalidades passam por um processo de modificação ao longo do percurso histórico, todas essas formas de negar o outro também, ou seja, a depreciação da população negra mudou apenas de segmento, seus efeitos são sentidos em muitas esferas da sociedade, sobretudo, naquelas que mantêm políticas discriminatórias que repercutem direta ou indiretamente na educação, saúde, segurança, habitação e em vários níveis sociais, principalmente nos lugares em que há uma nítida acentuação das disparidades sociais e econômicas, tais como as favelas e as periferias em que há uma clara segregação racial.

Por meio dessa análise, o objetivo desta pesquisa é refletir acerca dos elementos que colaboram para a produção imagética e pejorativa sobre as populações africanas e como isso desencadeou fatores degradantes em torno da figura de homens e mulheres negros e negras. Além dos fatores mencionados com relação a esse processo em torno da imagem das culturas do povo negro que com o tempo foi mudando de dimensão, cabe uma análise aprofundada sobre o quanto essa produção imaginária gerou as práticas racistas que a sociedade submeteu e submete a todo instante essas populações.

Em seguida, há um segundo objetivo que é abordar sobre o preconceito camuflado em discursos indiretos, dentro de instituições, empresas, espaços públicos e como esses discursos estão associados a relações de poder e dominação sobre outros grupos que são vistos como marginalizados. Nessa sociedade hierárquica, a segregação toma dimensões maiores por meios que repercutem na política, nos meios sociais e econômicos que tendem a afastar a população negra cada vez mais para a marginalização e o isolamento.

Grande parte dessa cultura marginal que foi imposta às culturas negras e afrodescendentes tem como base os vários elementos já mencionados nesta pesquisa tais como desassociar a cultura negra da civilização e o uso das ciências como legitimidade e validação da cultura negra como obscura e bestializada. Com a intenção de tornar esses fatores mais evidentes, essa pesquisa será dividida em três capítulos fundamentais resultantes dos problemas da História Única que é foco central desta análise.

Neste capítulo está sendo abordado os conceitos iniciais sobre o que é a História Única e como ela está inserida na sociedade, em espaços públicos, em discursos, em instituições e como a história no decorrer do tempo construiu a imagem de homens e mulheres negros pautadas em uma imagem racista depreciativa. Além disso, é de fundamental importância a análise das consequências que essa História Única criou, tornando as culturas africanas e, posteriormente, os afrodescendentes de forma marginalizada. Os frutos dessas imaginações perpassam por uma construção social e histórica e por essa razão, a necessidade de questionar o lugar social que o imaginário racista coloca às culturas africanas e afrodescendentes.

O segundo capítulo abordará as narrativas de viagens<sup>11</sup>, construídas no período medieval durante o século XIV que foram elementares para a propagação dessas ideias racistas acerca do continente negro meio de relatos. É esse questionamento que vou problematizar posteriormente, ou seja, até que ponto o imaginário medieval confeccionou e fabricou a imagem do africano. Vou abordar os relatos de viagens de um historiador chamado Ibn Khaldun e suas percepções sobre o continente africano no século XIV.

No terceiro capítulo, ressalto a importância da educação como formadora de uma consciência histórica, como um valor inegociável, mas que também possui problemas em seu ensino aprendizagem principalmente nas escolas públicas brasileiras, e como esse ensino corrobora na construção deturpada do continente africano como um lugar passivo e inerte, negligenciando, desse modo processos de resiliência e resistência das culturas africanas e afrodescendentes no curso da história. Vou abordar ainda pontos importantes e desafios na Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, problematizando os aspectos dos livros didáticos abordagem a história da cultura africana.

À vista disso, todos esses elementos mencionados, que são provenientes dessas narrativas, giram em torno da problemática da História Única. Essa investigação se fundamenta na compreensão de que grande parte dos estereótipos do povo negro foram construídos no período medieval, isso se deu por representações simbólicas e imagéticas de viajantes que muitas das vezes não tiveram contato em vias de fato com as culturas africanas. Aliado a isso, como esses modos de pensar a cultura africana no medievo foi decisiva para que posteriormente se consolidasse discursos e formas de compreensão totalmente excêntricas acerca do continente africano. Joseph Ki-Zerbo<sup>12</sup> retrata como essa construção desumana

---

<sup>11</sup> Também era chamado de literatura de viagens as primeiras observações e os primeiros discursos sobre os povos "distantes" de que dispomos provêm de duas fontes, as reações dos primeiros viajantes, formando o que habitualmente chamamos de "literatura de viagem" (LAPLANTINE, 1988, p. 25).

<sup>12</sup> Na introdução, o historiador Joseph Ki-Zerbo fala sobre a importância da tomada de consciência e afirma que a história deve ser reescrita já que o continente africano foi historicamente foco de reinvenções e fruto de

alcançou o continente africano, salienta o historiador:

Até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela “força das circunstâncias”, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro. (KI-ZERBO, 2010, p.32).

Em decorrência disso, é perceptível a extensão e a proliferação não apenas de discursos como também de mentalidades construídas ao longo da formação das sociedades contemporâneas. Isso corroborou para uma representação que perdura tragicamente na sociedade brasileira assim como em muitas outras. A profundidade dessas narrativas foram tão extensas que durante muito tempo camuflaram e dificultaram essa tomada de consciência sobre esses discursos apoiados em várias vertentes ideológicas. Isso só foi possível, segundo Silvio Almeida<sup>13</sup>, devido às narrativas apoiadas por um Estado que, por conseguinte, acentuaram essa unidade social legitimada e segregacionista.

Aboordei como a segregação de uma determinada cultura pode ser visto na atualidade, é isso o que permite essa divisão social tão discrepante entre negros e os não-negros que impede, em vários níveis, essas pessoas de suas representações quase sempre associados a elementos e estatísticas negativas. O grande questionamento desta pesquisa é pensar como esses dados, narrativas e informações vão construindo um imaginário degradante e inferiorizado dessa população, que desde a Baixa Idade Média vem sendo construído sob várias perspectivas e olhares acirrados. Como foi apontado acima, estou propondo uma reflexão que demonstra as diferenças e dificuldades que são construídas em torno das figuras de milhares de homens e mulheres negras.

Dando sequência a essa análise, a investigação prossegue, nesse momento, em analisar até que ponto a sociedade construiu a imagem da população negra pautada, na maioria das vezes, a elementos preconceituosos e como isso reside na construção desumana e desqualificadora. Em consequência disto, devemos refletir sobre esses elementos imagéticos provenientes das mídias sociais, dos veículos de comunicação, do cinema e de muitos outros fatores.

---

colonizadores. Nas palavras do historiador: Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita. (KI-ZERBO, 2010, P. 32).

<sup>13</sup> Portanto, fez parte do projeto nacional a produção de um discurso sobre o outro, tornando racional e emocionalmente aceitável a conquista e a destruição daqueles com os quais não se compartilha uma identidade. (ALMEIDA, 2019, p. 79).

Para adentrar a essas observações, é necessário pensar a respeito do que é o racismo estrutural e os danos desse preconceito que surgem da junção de determinadas práticas que assolam tantos países como é o caso do Brasil. Outrossim, é necessário a compreensão das questões que envolvem, sobretudo, a representação simbólica da pessoa negra sob o prisma contemporâneo.

Pensando nisso, é importante refletir sobre os questionamentos de como a pele negra se tornou para a sociedade reflexo da criminalidade, e o porquê dessa população ficar à mercê das injustiças e mazelas sociais. Silvio Almeida representa perfeitamente como o racismo é corporificado pela sociedade tecnológica e de consumo quando ele menciona que o racismo constitui todo um complexo no imaginário social que a todo o momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Ele prossegue dizendo:

Após anos vendo telenovelas brasileiras um indivíduo vai acabar se convencendo que mulheres negras têm uma vocação natural para o emprego doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. (ALMEIDA, 2019, p. 51).

Posteriormente, Silvio Almeida descreve que isso não representam a realidade do povo negro, mas uma representação do imaginário social que é construído acerca dessas pessoas, principalmente por um processo alienatório inconsciente empregado por esses veículos de comunicação. É visível a problemática da realidade desses indivíduos; dessa maneira, a pesquisa busca compreender que esse cenário não é atual e produto de uma realidade inerte, mas de um sistema complexo e violento que envolve vários órgãos, agentes e narrativas versáteis que além de se perpetuar ao longo do tempo histórico, é algo que é construído por grupos que mantêm uma hegemonia em setores de influência na sociedade brasileira que nitidamente possuem interesse nessa manutenção segregacionista.

Como já foi mencionado ao longo deste trabalho, há um sistema que envolve múltiplos elementos, principalmente essa reprodução imagética que não é algo recente, mas sim uma construção que se cristalizou ao longo das práticas humanas. As teorias racistas produzidas na história tornaram-se um fator marginalizador da cultura africana, como também das culturas afro-brasileiras. No entanto, muitas dessas narrativas entrarem em decadência, mas muito ainda é percebido no âmbito social em discursos indiretos quando, por exemplo, uma empresa não contrata uma pessoa por ela ser negra ou por ela possuir características afrodescendentes, ou ainda quando uma pessoa se recusa a ser atendido por um médico negro (a) por achá-lo (a) incapaz. Os discursos camuflados nas micro e macro relações sociais mostram que muitas das

vezes há uma naturalização de práticas preconceituosas que são oriundas dessas narrativas.

É necessário fazer uma digressão nesse momento para pensar outras formas de racismo muito comum e que corrobora para essa análise. Esse tipo de racismo estrutural advém dessas construções em torno da História Única. Como já supracitado, as consequências históricas e sociais tanto no mundo medieval quanto no mundo contemporâneo dessas narrativas centralizadas nas figuras das culturas africanas é notada na violência de suas construções sociais, isto é, na forma como ela é pensada, construída e disseminada. Então, o que é o racismo estrutural? Nas palavras de Silvio Almeida:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a *hegemonia* do grupo racial no poder. Isso faz com o que a cultura, a aparência, e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 31).

São essas razões que tornam o racismo tão perverso, devido sua camuflagem nas práticas sociais corroborando para a exclusão de minorias sociais historicamente discriminadas e criando, por conseguinte, o privilégio social branco. Além do mais, há outras formas de preconceitos presentes na sociedade.

Segundo Gabriel Nascimento dos Santos, autor do livro *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*<sup>14</sup>. Nesta obra, o escritor enfatiza que o racismo linguístico é tão grave porque às vezes é o que mantém outras formas de racismo. Muitas das vezes, essa forma de racismo não é tão levada a sério porque é só “linguagem”, afirma o escritor na entrevista. Além do mais, ele cita que o racismo está impregnado em muitas formas de expressão e palavras do dia a dia e estão carregadas de uma carga semântica profundamente discriminatória, como “lado negro da vida”, “mercado negro” e “ovelha negra” são exemplos citados pelo autor em uma entrevista ao DW. Brasil<sup>15</sup>.

Dessa forma, podemos compreender como essas formas de racialização impactam diretamente no imaginário social construindo uma representação pejorativa e preconceituosa das populações negras. Além do mais, são essas relações do cotidiano que mais trazem impactos negativos para aqueles que sofrem dessas práticas.

A educação e as práticas escolares, nessa análise, também adquire um valor fundamental devido sua importância para a sociedade. Nesse caso, o objetivo será analisar como o sistema educacional é um vetor que propaga, essencialmente por meio dos livros

---

<sup>14</sup> NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019).

<sup>15</sup> NASCIMENTO, Gabriel. “As línguas são a base do racismo”. DW Deutsche Welle, 13/05 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/as-l%C3%ADnguas-s%C3%A3o-a-base-do-racismo/a-61778188>. Acesso em: 24/10/2022

didáticos, um retrato da população africana e da História da África com caráter depreciativo de uma África esquecida e marginalizada.

Muitas das vezes, retira-se dessa população sua autonomia e a coloca em segundo plano, como sujeitos pacíficos de uma história vivida em detrimento de uma história colonial predatória e majoritariamente europeia. Analisar essas influências que advém do âmbito escolar parece ser um grande desafio e um grande paradoxo, porque seria justamente esses espaços que deveriam empregar uma prática adequada sobre a história do continente africano.

A grande questão que vou tratar especificamente no capítulo 3 diz respeito às problemáticas do ensino brasileiro, em especial nas escolas públicas. De acordo com isso, Anderson Ribeiro de Oliva em seu artigo *O que as lições de História ensinam sobre a África?* demonstra que a construção do continente negro foi edificada sob a perspectiva do europeu, com sua superioridade, seu etnocentrismo e, conseqüentemente, criando no imaginário um continente e um povo decaído, atrasado e degenerado. Dessa maneira, o ensino acaba se tornando um meio de propagação de uma cultura sob o viés preconceituoso, gerando, mais uma vez, esse realce na cultura africana e afro-brasileira.

Criando um parâmetro comparativo sobre a importância das instituições de ensino, não é recente a relevância empregada pelos grandes colégios, escolas e academias que foram e são formadoras de mentalidades e que tiveram grande importância na formação de discursos, na disseminação de informações, na construção de conhecimentos científicos. Ressalta, que a depender do momento histórico e da vertente cultural que essas escolas tenham, elas podem acabar sendo um vetor disseminador de discriminação e intolerância já que são espaços do saber e da compreensão.

Em sua introdução Joseph Ki-Zerbo retrata como as escolas antropológicas tornaram significativas na formação de conhecimentos provenientes das chamadas sociedades atrasadas, ele cita que:

O evolucionismo à Darwin, apesar de seus grandes méritos, o difusionismo de sentido único, que tem visto muitas vezes a África como o escoadouro passivo das invenções de outros lugares, o funcionalismo de Malinowski e de Radcliffe-Brown, enfim, que negava toda dimensão histórica às sociedades primitivas, todas essas escolas se adaptavam naturalmente à situação colonial na qual proliferavam como num terreno fértil. (KI-ZERBO, 2010, p. 46).

Desse modo, é notório que as instituições de ensino assumem um caráter de importância na formação tanto individual quanto coletiva de uma sociedade, por isso, a atenção a essas instituições permite-nos compreender como o ensino e aprendizagem no Brasil vem tratando o continente africano e toda sua História.

### 3 CAPÍTULO 2 - NARRATIVAS DE VIAGENS DE IBN KHALDUN NO SÉCULO XIVE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRICANA

As viagens foram um aspecto norteador das relações humanas na Baixa Idade Média, por meio delas, podia-se conhecer aquilo que era apenas imaginado pelos contos. Foram as narrativas de viagem que deram origem a mitos e fantasias<sup>16</sup>. Soldados, missionários, diplomatas, mercadores, exploradores e demais viajantes tais como historiadores e geógrafos foram instigados pela busca do desconhecido, principalmente quando tratou-se do continente africano que foi produto de um grande mistério para esses viajantes

As narrativas de viagens fomentaram no imaginário um desejo pelo fantástico. No período medieval, principalmente na Baixa Idade Média, a partir do século XIII, as longas viagens se tornaram cada vez mais possíveis, estimulando e aumentando a produção do imaginário mitológico<sup>17</sup>. O continente africano foi destino de muitos viajantes que se dedicaram a narrar o que viram ou o que ouviram sobre esse continente. A alteridade quase sempre percebida de forma subversiva nesse período fez das viagens uma caça aos monstros, aos demônios e a qualquer coisa que se desviasse dos parâmetros religiosos do mundo árabe-muçumano ou do mundo ocidental cristão<sup>18</sup>.

As narrativas de viagens, imersas num imaginário repleto de fábulas e narrativas extravagantes, fizeram uma série de povos seres obscuros. No mundo medieval, as fantasias do imaginário ganhavam vida com os relatos dos grandes viajantes, nesse período, os viajantes medievalistas com todo o seu aparato religioso fez do africano um ser a parte da natureza humana e quase sempre associando a cor da pele negra a elementos diabólicos<sup>19</sup>.

Em decorrência disso, vai sendo disseminado tanto representações equivocadas quanto associações preconceituosas sobre esses povos africanos e suas múltiplas culturas.

---

<sup>16</sup> As narrativas de viagem orientaram-nos naturalmente para os domínios da cosmografia e da geografia, que esclarecem muitos de seus aspectos [...] pareceu-nos evidente que existia uma afinidade natural entre viagens, contos e mitos: em cada um desses casos a imaginação é muitíssimo estimulada. (KAPPELER, 1994, p. 5).

<sup>17</sup> Ao longo de toda a história humana, a viagem e a narrativa de viagem constituem o veículo ideal dos sonhos e dos mitos [...] Em meados do século XIII tem início a era das grandes viagens, que durante um século e meio serão quase exclusivamente continentais [...] Na realidade, os viajantes não são livres em seus julgamentos: se, em dados momentos, conseguem escapar ao contexto imaginário e mítico de sua época, com grande frequência ainda são influenciados pelo conjunto de fábulas que lhes parecem incríveis, seja por terem certa familiaridade com o folclore ou com as concepções medievais sobre a natureza, seja por outras razões profundas. (KAPPELER, 1994, p. 53, 91, 68,69).

<sup>18</sup> O monstro era entendido como “mistério, escândalo, espécie maldita: está ligado a uma patologia, seja ela da natureza dos artistas criadores ou dos espíritos humanos em geral”. (KAPPELER, 1994, p. 8).

<sup>19</sup> Monstros, terras inóspitas, seres humanos deformados, imoralidades, regiões e hábitos demoníacos iriam ser elementos constantes nas descrições de viajantes, aventureiros e missionários. (OLIVA, 2003, p.436). Acreditava-se, também, que a parte habitável da Etiópia era moradia de seres monstruosos: “os homens de faces queimadas”. [...] A cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia ao inconsciente europeu, ao inferno e às criaturas das sombras. (OLIVA, 2003, p.436 apud PRIORI e VENÂNCIO, 2004, p. 56).

Além do mais, diante do contexto das grandes viagens marítimas, representações e relatos deram a esses viajantes a motivação necessária para descobrir o que se passava nesse continente, e isso levou muitos aventureiros a atravessarem os oceanos em busca desses lugares cheios de fantasias. De acordo com Claude Kappler:

Os monstros não estão ausentes dos “grandes” textos literários, mas sua presença é muito esparsa e relativamente rara. Nas narrativas de viagens, ao contrário, aparecem com uma frequência, uma constância e uma naturalidade que lhes conferem existência própria. Nesse tipo de texto, constituem um *conjunto* cujo equivalente não descobrimos em outro lugar e encontram um cenário concreto: o mundo dos viajantes, a urdidura de encontros, experiências vividas, paisagens que são as viagens (KAPPLER, 1994, p. 4).

A historiadora medievalista aponta que as viagens foram decisivas para a construção dessa monstruosidade<sup>20</sup>. Dessa maneira, percebemos o quanto esses povos foram postos de maneira preconceituosa e depreciativa na história. É necessário também perceber que essas formas de pensar o outro se tornaram, ao longo do processo histórico, corporificadas e enraizadas na consciência e perpetuadas em uma série de textos literários e nos diários de viagens dos árabes-muçulmanos que é o foco desta pesquisa.

O aspecto norteador desta investigação é compreender como as narrativas de viagens ajudaram a construir uma visão estereotipada do continente africano. Com base em noções fantasiosas e no olhar depreciativo que foram sendo construídas e disseminadas ao longo do século XIV acerca dos povos que vivem neste continente. Como consequência disto, foi sendo consolidada no imaginário do Oriente medieval a imagem degradante acerca das culturas africanas, ressaltando que o foco desta pesquisa é abordar sobre Ibn Khaldun um árabe-muçulmano e sua contribuição para essa imagem degradante.

Além disso, percebe-se que essas noções falaciosas contribuíram para que houvesse uma série de empreendimentos neste continente. Essas iniciativas se deram por meio das navegações de aventureiros com um viés de desmistificá-lo aliado à proposta de islamização com os árabes-muçulmanos ou cristianizar, por exemplo, como foi com os cristãos colonizadores do Ocidente.

Além do mais, compreender essas narrativas discriminatórias nos permite enxergar uma série de negligências perpetradas não apenas contra o continente africano e suas culturas, como também contra suas populações tão afetadas pelo racismo, pelas formas taxativas e pela assimilação com animais; sobretudo, nos dias atuais em diferentes sociedades marcadas pela escravidão.

O autor a ser analisado é Abd al-Rahman Ibn Mohammad Ibn Khaldun, conhecido

---

<sup>20</sup> “Os monstros vivem principalmente nas terras distantes e pouco - ou nada - conhecidas: o Oriente e a África são suas pátrias de eleição” (KAPPLER, 1994, p. 5).

simplesmente como Ibn Khaldun. É um historiador islâmico, natural de Tunes (Tunísia), nascido em 1332 e falecido em 1406<sup>21</sup>. Essa investigação terá 3 momentos fundamentais que perpassam por três obras de significativo valor na coleta de informações sobre como esse autor enxergou a população africana. Como as fontes são de difícil acesso, usarei fragmentos encontrados em outras obras que ajudaram na compreensão desse tema.

No primeiro momento, a obra a ser analisada é *Histoire des Berbères et des dynasties Musulmanes de l’Afrique Septentrionale*, é uma tradução francesa do M. le Baron de Slane<sup>22</sup>. Nesta obra o autor Ibn Khaldun propõe uma sucessão das dinastias muçulmanas que reinaram no norte da África. Segundo a introdução da obra (Khaldun, 1852, p. 2): o primeiro trata dos efeitos produzidos pela influência da civilização no espírito humano, o segundo é dividido em três seções, encerrando a história dos árabes e dos povos estrangeiros e o terceiro livro é dedicado à história das tribos berberes e dos reinos que esta raça fundou no norte da África.

Ao analisar a obra, é percebido uma série de formas preconceituosas que vão desde as qualificações criadas por palavras com formas generalizantes e superficiais<sup>23</sup>, narrativas usadas para descrever a sua moralidade, sua religião e as interações entre os próprios grupos além das aventuras no continente que para eles eram misteriosas. Além do mais, o terceiro livro desta coleção é retratado por guerras, relações entre sultões bérberes e comunidades árabes e isso nos mostra as relações de sobreposição de uma comunidade árabe a uma região africana. A investida árabe no Norte da África é marcada por uma noção de superioridade do árabe civilizado, muçulmano e conhecedor da palavra como é o caso dos El- Arab - el - aréba<sup>24</sup>, em detrimento do outro não civilizado e não muçulmano como é o caso de algumas

---

<sup>21</sup> Porto Editora – Ibn Khaldun na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-05-19 15:57:41]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$ibn-khaldun](https://www.infopedia.pt/$ibn-khaldun).

<sup>22</sup> O dever do tradutor não se limita à reprodução exata das ideias enunciadas no texto que é objeto de seu trabalho; outras obrigações também lhe são impostas: ele deve corrigir os erros do autor, esclarecer as passagens que oferecem alguma obscuridade, fornecem noções que levam à compreender a história e dar as indicações necessárias para que o plano de trabalho seja bem compreendido. Ele ainda tem ainda mais para facilitar aos leitores a pesquisa que gostariam de empreender, e ensinar - lhes a origem, a vida e os obra do autor. Profundamente convencido de que essas obrigações devem ser rigorosamente cumpridas sob pena de incorrer na censura dos juízes competentes, o tradutor da História dos Berberes tem constantemente se esforçado para traduzir fielmente o significado do texto árabe e coletar em uma série de notas curtas e em vários apêndices, todas as informações que poderiam ser usadas para complementar, corrigir, tornar mais claro o relato de Ibn-Khaldoun. Para ajudar as pessoas que gostariam de consultar o trabalho, terminou cada volume com um índice de nomes próprios. (KHALDUN, Data de publicação: 1852, Editora: Alger, Impr. du Gouvernement. Tradutor: Slane, William MacGuckin, baron de, 1801-1878, p. 1, tradução nossa).

<sup>23</sup> (...) Magreb. Este último termo, porém, parece ter sido também utilizado para designar todos os povos negros. Habasha, Zandj e Sudan seriam também denominações sinônimas para designar esses diversos povos negros. Embora etimologicamente significa "Terra dos Pretos". (KHALDUN, 1975, p. 360 apud DIAKITE, 1988, p. 17, tradução nossa).

<sup>24</sup> “Árabes arabizantes, ou árabes puros”. Segundo a obra *Histoire des Berbères et des dynasties Musulmanes de l’Afrique Septentrionale* composta de 3 livros. No segundo, o autor trata sobre a história dos árabes desde o seu surgimento, criando, dessa maneira, uma escala no qual o topo é composto por um grupo de árabes puro que se

regiões berberes.

No segundo momento, vou analisar alguns fragmentos retirados também do livro *dialogue Maghreb/Afrique Noire au-delà du désert* no capítulo “le pays des noirs” dans les récits des auteurs arabes anciens”<sup>25</sup>. É um compilado de autores que reúne uma série de informações de autores árabes e principalmente de Ibn Khaldun que ajudará na compreensão de sua percepção sobre o tema tratado. Esse livro acaba se tornando importante porque mostra que essa visão negativa sobre o modo de vida dos povos africanos não foi uma criação moderna, além do mais, coloca o Oriente Medieval em um polo de discussão bastante importante, já que estou analisando como os árabes viam os povos africanos e suas culturas.

Um outro ponto importante é que neste capítulo usarei como referência a obra *kitab al-ibar*<sup>26</sup> de autoria de Ibn Khaldun. Os fragmentos encontrados nas obras de Khaldun foram bastante difíceis devido à escassez de traduções, as fontes encontradas ou estavam em francês ou inglês. Apesar de ser um tema vasto, eu acredito que ao estudar as culturas africanas e suas múltiplas culturas ainda há uma resistência em relação a fontes e materiais de pesquisas que acabam dificultando o processo de escrita.

Por fim, aliado a essas referências, eu vou utilizar também o livro do Alberto da Costa e Silva *Imagens da África* que corrobora decisivamente com essa pesquisa. O autor utiliza como referência uma obra de Ibn Khaldun chamada *Mudaddimah*<sup>27</sup>, uma das principais obras do historiador Ibn Khaldun, esta obra reúne grandes informações não apenas sobre a forma como eram vistas as grandes dinastias africanas, principalmente aquelas que se

---

distanciam de outras formas inferiores de acordo com Ibn Khaldun. (KHALDUN, 1852, p.3, tradução nossa).

<sup>25</sup> Diálogo África Negra do Magrebe - Além do deserto. Foi publicado entre outubro e dezembro de 1988, na França. O capítulo analisado foi “o país dos negros” nas histórias de antigos autores árabes”. A obra é um compilado de autores que escreveram sobre história da África no que diz respeito às representações criadas sobre o continente negro. Obra encontrada na Biblioteca Digital Nacional da França. Para acessar o site oficial: GALLICA. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>. Acesso em: 21/05/2023.

<sup>26</sup> Foi no século XIV que o historiador árabe muçulmano Ibn Khaldun (1332-1406) escreveu os livros que compuseram sua extensa obra histórica, o *Kitab al'Ibar* (Livro das Lições). Escrita nos momentos em que o autor conciliava seus trabalhos de reflexão intelectual aos serviços de corte, a obra de Ibn Khaldun inclui três livros de análises sobre a escrita da história, sobre a formação e a estrutura das sociedades de sua época, caracterizada especialmente por crises e fragmentações políticas. Os livros incluem a história do passado dos árabes e de outros povos relevantes para sua cultura, bem como, sobre os berberes, etnia predominante na região onde passou a maior parte da vida, o Magrebe. (FERREIRA, 2022, 10).

<sup>27</sup> *Al-Muqaddimah*, conhecido em português como os *Prolegômenos à História Universal*. Foi escrito entre 1375 e 1377, durante o refúgio do autor na fortaleza de Qal'at ibn Salama, próxima à cidade atualmente chamada Tiaret, na Argélia. (...) O *Muqaddimah*, por sua vez, oferece uma leitura metódica e analítica que se destaca entre os textos da época, ainda que seu autor frequentemente use de metáforas e termos ambíguos. O objetivo de Ibn Khaldūn neste volume é oferecer ao leitor um entendimento das sociedades humanas que permitam impedir a reprodução de falsidades e absurdos que permeiam a história escrita. Para ele, é necessário estabelecer condições e características da essência da civilização como um método para distinguir o certo do errado e o verdadeiro do falso – uma “ciência da civilização humana e das organizações sociais”. (LENK, Wolfgang; MORAES, Leonardo Segura. *Aproximação a Al-Muqaddimah: Ibn Khaldūn em perspectiva historiográfica*, 2021, p. 2 e 3).

localizavam perto do rio Nilo, mas também uma descrição da influência islâmica sobre as grandes áreas povoadas por esses povos.

Nesta obra de Ibn Khaldun, o determinismo geográfico é bastante usado para inferiorizar determinadas populações africanas e é por meio dessa visão que essas culturas foram submetidas, ou seja, como se determinadas regiões produzissem determinados fenótipos que determinaram tanto as qualidades morais, psicológicas e sociais. Aliado a isto, os preconceitos raciais que advém das obras de Ibn Khaldun se tornaram fonte desta pesquisa e nas leituras que eu fiz de suas obras fica evidente o quanto eles viam as culturas africanas como inferiorizados, pois a cor negra é vista como uma condenação de seus progenitores que advém dessa perspectiva religiosa, a pessoa negra se tornou negra devido a essa condenação moral.

Dessa forma, perceberemos que as referências sobre o continente africano nos conduzem a uma percepção de intolerância à alteridade, aos costumes, às suas interações e modos de vida e, por consequência, trouxeram a longo prazo, a negação ao estatuto de ser humano desses povos. Além de que nos ajuda a compreender qual era a imagem que tinham das culturas africanas.

Sobre as obras elencadas acima a respeito das ideias de Ibn Khaldun e dos fragmentos encontrados, isso mostra a literatura de viagem que Khaldun produziu em relação à cultura africana e a percepção dele em relação à África. A religião, valor indispensável dessa análise, toma um ímpeto inestimável já que todas as outras formas preconceituosas derivam desta. Será possível perceber o quanto o islamismo foi uma religião expansionista sobretudo no continente africano para os povos não islâmicos, não “civilizados” que compunha o Norte da África segundo as análises de Ibn Khaldun. Ademais, existindo formas de denominações usadas para qualificar e taxar esse povo de acordo com a influência islâmica, isto é, se a população de determinada região já tinha ou não recebido e se convertido ao islamismo.

A principal forma de qualificação dessas culturas está pautada sob o invés religioso. Assim, é notória a contribuição religiosa não apenas para a construção do estereótipo do povo africano no período medieval causando consequências como a manutenção dessas formas horríveis que este povo recebeu, como também a demonização de suas formas e representações por meio de sua cor negra. Isso produziu, por conseguinte, uma História Única repleta de preconceitos e pautadas em um viés expansionista colonialista.

Com a finalidade de compreender os fragmentos encontrados na obra de Ibn Khaldun que corroboram para o entendimento sobre as percepções desse viajante com relação a esse continente tão pouco estudando e tão mal compreendido. Como já mencionado, a obra

*Histoire des Berbères et des dynasties Musulmanes de l'Afrique Septentrionale* é bastante extensa porque o objetivo dela é criar uma genealogia tanto das populações muçulmanas quanto das populações berberes, isto é, das populações do Norte da África.

Nitidamente, a grande problemática que assombrou a história das populações africanas é o fato dela ser criada ou recriada por alguém exterior ao continente, um aventureiro ou um viajante se arriscando a tentar buscar a gênese das populações que vivem nessa parte do mundo quase tão pouco compreendida. Criar ou recriar a genealogia de uma população pautados nos valores pessoais de quem se cria, foi um hábito comum no período medieval. Essa ideia de pensar a história do outro como se eles fossem inertes nesse processo histórico de tomada de consciência, fez da África um lugar abominável, obscuro como se essa parte do mundo fosse incapaz de repensar a si e a sua própria história<sup>28</sup>.

Por essa razão, quando o outro é responsável pela construção da trajetória de uma população, de um continente ou de uma nação, corremos o risco de reproduzir e assimilar os preconceitos oriundos da construção pessoal de quem o cria. No caso do continente africano, a construção histórica foi totalmente perversa pelas formas taxativas, porque foram essas formas que possibilitaram os variados modelos de qualificação desta população considerada moralmente inferior.

Na obra *Dialogue Maghreb/Afrique Noire au-delà du désert*<sup>29</sup> foram encontrado alguns fragmentos da obra de Ibn Khaldun no capítulo o “país dos negros” nas histórias dos autores árabes <sup>30</sup>em que o autor referido cita: Ignorantes da natureza das coisas <sup>31</sup>(KHALDUN, p.359 *apud* DIAKITE, 1988, p.18, *tradução nossa*). Ou seja, essas ideias produzidas no século XIV de que grande parte da população africana, principalmente a parte não conhecida e nem explorada pelo dromedário ou por embarcações devido ao clima e a geografia do lugar, era de um povo sem consciência e sem capacidade de pensar a própria História.

Foram essas regiões desconhecidas e consideradas abomináveis que os empreendimentos orientais focaram, devido às curiosidades que despertavam no imaginário social formando a imagem do africano de maneira deturpada. Por consequência, esses lugares não explorados receberam maior influência árabe-islâmica já que podemos concluir que essas

---

<sup>28</sup> (HEGEL, 1995, p. 174 *apud* OLIVA, 2003, p. 438).

<sup>29</sup> Diálogo África Negra do Magrebe - Além do deserto. A obra é um compilado de autores que escreveram sobre história da África no que diz respeito às representações criadas sobre o continente negro. Obra encontrada na biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França. Para acessar o site oficial: GALLICA. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>. Acesso em: 21/05/2023.

<sup>30</sup> le “pays des noirs” dans les récits des auteurs arabes anciens (DIAKITE, 1988, p. 16-25).

<sup>31</sup> d'ignorants de la nature des choses (KHALDUN, [14--?], p.359 *apud* DIAKITE, 1988, p.18).

expedições tinham por objetivo a islamização da população.

Corroborando ao que foi posto, a forma preconceituosa e desqualificadora das grandes dinastias africanas criadas pela influência estrangeira foi um meio encontrado para justificar sua influência em determinada região. Por isso, nas obras retratadas é encontrado as dinastias árabes invadindo uma comunidade africana e justificando sua invasão de forma hostil. A etnia dos *ghomaras*<sup>32</sup> foi um exemplo marcante dessa investida árabe quando o autor cita:

Até agora, os Ghomara se dedicaram à magia, e aprendi com alguns xeques do Magreb que são principalmente as mulheres jovens que cultivam essa arte. "Eles têm o poder, onde me disseram, de atrair o espírito de tal estrela como quiserem", e, tendo-o domado, incorporam-se a ele; por este meio, eles agem sobre os seres ao seu capricho." (KHALDUN, 1852, p. 144, tradução nossa<sup>33</sup>).

Por isso, podemos concluir que a magia foi uma maneira pensada no imaginário social e demonstra como essa visão subversiva sobre esses povos é construída. Aliado a isso, temos novamente a noção de civilização como norteadora das ações humanas, isso me parece, segundo essa análise que quanto mais afastado da "civilização" mais propensa uma comunidade ou uma etnia tinha de praticar magia ou qualquer ato considerado sub-humano como mostra essa passagem:

Os costumes rurais, os hábitos rústicos do Ghomara, unido ao seu afastamento de qualquer lugar onde o bem pudesse ser aprendido, os mantinha mergulhados em profunda ignorância e os impedia de conhecer os verdadeiros princípios da religião. (KHALDUN, 1852, p.443, tradução nossa).<sup>34</sup>

A religião retratada, como posto acima, é o que permitia ser considerado pertencente ao bem e a tudo que conduzia a civilidade. Nitidamente, a magia era algo que o Deus islâmico não aprovava, surgindo quase um tipo de maniqueísmo medievalista, isto é, uma separação entre o bem e o mal. A grande consequência foram as generalizações dessas formas de ver as culturas africanas pouco conhecidas e essas formas de pensar a cultura existiram na imaginação daqueles viajantes e colonizadores.

De outra maneira, reafirmando o que foi falado acima, o historiador Libanês Albert Hourani em seu livro *Uma história dos povos Árabes* mostra que essa mentalidade da bruxaria como algo que poderia criar portais, dimensão e até mesmo coisas sobrenaturais como

---

<sup>32</sup> Os Gomasas ou Ghomaras são uma etnia do norte de Marrocos com origens nos berberes masmudas. Tendo sido "arabizados" entre os séculos XI e XVI, atualmente são majoritariamente arabófonos e só uma minoria fala berbere, nomeadamente gomara, uma língua ou dialeto berbere do ramo zeneta. (Gomasas, DBpedia, 2019. Disponível em: <https://dbpedia.org/page/Ghomaras>. Acesso em: 19,05, 2023).

<sup>33</sup> Jusqu' à ce jour, les Ghomara se sont appliqués à la magie, et j ' ai appris de quelques cheikhs du Maghreb que ce sont surtout les jeunes femmes qui cultivent cet art. "Elles ont le pouvoir, m'ont-ils dit, de s' attirer l' esprit de tel astre qu' il leur plaît, et, l ' ayant dompté, elles s'incorporent avec lui; par ce moyen, "elles agissent sur les êtres à leur fantaisie. (KHALDUN, 1852, p. 144).

<sup>34</sup> Les mœurs agrestes, les habitudes rustiques des Ghomara, jointes à leur éloignement de tout lieu où le bien pouvait s' apprendre , les tenaient plongés dans une ignorance profonde et les empêchaient de connaître les vrais principes de la religion". (KHALDUN, 1852, p.443).

transformar metais em ouro ou prata, no imaginário medieval, era bastante comum. De acordo com o historiador Albert Hourani:

Mesmo o cético Ibn Khaldun acreditava na existência da bruxaria, e que certos homens podiam descobrir meios de exercer poder sobre outros, mas achava isso repreensível. Havia uma crença geral em que tais poderes podiam ser controlados ou contestados por encantos e amuletos colocados em certas partes do corpo, disposições mágicas de palavras e figuras, sortilégios ou rituais de exorcismo ou propiciação, como o zar, um ritual de propiciação, ainda difundido no vale do Nilo. (HOURANI, 2006, p. 122).

Em síntese, o que essas narrativas nos apresentam são uma série de modelos criados de forma taxativa. O grande obstáculo que o povo africano enfrentou e atualmente enfrenta é com as atribuições criadas em torno dos seus modos de vida, cujo preconceito corporificado e enraizado estão presentes em todas as esferas da sociedade. Além disso, essa fábula em torno da história africana produziu a grande problemática da História Única. Foram essas maneiras de pensar e recriar o outro que contribuíram para as grandes descrições dessas etnias.

É necessário também relatar que essas narrativas contribuíram para as generalizações que foi um elemento usado para desqualificar as culturas presente na africana, isto é, toda a população, toda a cultura africana, assim como todo o continente passou, segundo esses relatos, a generalização desta cultura, como se todo grupo étnico possuísse as mesmas características. Entretanto, na obra de Ibn Khaldun, as regiões que não foram demonizadas são aquelas que cederam a islamização, estas estavam pacificadas e livres tanto da magia quanto da bestialidade porque essas comunidades passaram a ter não apenas os mesmo hábitos como também essas comunidades praticavam os mesmos costumes de adoração tal como os árabes.

Contudo, aquelas regiões desconhecidas ou sem influência dos árabes mulçumanos foram totalmente hostilizadas pelo olhar preconceituoso com essas comunidades. O principal grande exemplo é um diálogo entre *Oba* e o *Yulian*. Os personagens comentam:

É um povo sem religião; comem cadáveres, bebem o sangue de seu gado e vivem como brutos; pois eles não acreditam em Deus e nem mesmo o conhecem. "Então Oeba disse a seus companheiros: 'Andemos com a bênção de Deus! (KHALDUN, 1852, p.33, tradução nossa).<sup>35</sup>

A referência acima ganha uma proporção maior porque podemos por meio dela extrair uma série de inferências sobre o que venho propondo. Em primeiro lugar, como já foi retratado, é a religião, como podemos perceber, que está sempre inclusa no olhar sobre o outro como norteadora de princípios e condutas humanas. Nesta passagem, vemos que para esses invasores, o africano desconhecia Deus, o que o tornava selvagem e perigoso.

---

<sup>35</sup> "C'est un peuple sans religion; ils mangent des cadavres, ils boivent le sang de leurs bestiaux, et ils vivent comme des brutes; car ils ne croient pas en Dieu, et ils ne le connaissent même pas. "Sur cela, Oeba dit à ses compagnons : "Marchons avec la bénédiction de Dieu!" (KHALDUN, 1852, p.333.).

Em segundo lugar, o fato deles se alimentarem de cadáveres e beberem sangue, essa referência acaba sendo uma consequência da primeira, ou seja, as comunidades que não acreditavam em um Deus monoteísta teriam uma natureza marginalizada que percorria a animalidade. Foram essas histórias contadas por viajantes que percorriam o imaginário social corroborando na forma depreciativa de pensar as grandes populações africanas.

Além do mais, uma outra forma depreciativa que foi encontrada nesses fragmentos da obra de Ibn Khaldun são as qualificações com o modo de vida desses povos. Quando o outro é visto sob a ótica da “civilização”, do progresso e do desenvolvimento, há um desejo em inseri-lo na lógica do colonizador. Foi o que aconteceu com as populações africanas sob a influência árabe-muçumana. No fragmento a seguir, percebemos esse preconceito contra algumas populações, neste caso, contra o povo Demdem. De acordo com Ibn Khaldun, a sudoeste [da Berbera] estão os Demdem, um povo selvagem que anda sem sapatos e sem roupas.<sup>36</sup>

Diante desses fragmentos retirados da obra *Histoire des Berbères et des dynasties Musulmanes de l’Afrique Septentrionale* de Ibn Khaldun, percebemos a grande quantidade de formas depreciativas que foram perpetradas contra as grandes dinastias africanas. Ressalto que grande parte dessas formas e modelos contribuíram e perpetuaram-se na história desses povos. Existe uma estrutura muito mais complexa que envolve as mentalidades na fixação dessas ideias e conceitos.

Outrossim, o objetivo nesse momento é mostrar como a construção física e geográfica das regiões africanas também foram um fator preponderante na construção estereotipada dessas dinastias por meio dos fragmentos encontrados na obra: “Imagens da África” de Alberto da Costa e Silva. O desconhecimento de regiões e lugares levaram a invenções fantasiosas sobre o que poderia existir em uma determinada localidade.

A parte mais conhecida por essas expedições foi o rio Nilo, por meio dele, foi conhecido uma série de povos além de estabelecer a ligação entre os povos árabes mercadores e a população nativa; o rio se tornou um meio para o acesso dessas comunidades onde havia, ora a influência islâmica, ora a influência cristã. Onde o rio percorria, percorria também a influência desses comerciantes, as comunidades próximas receberam toda a influência de seus povos tornando-as, em sua maioria, islâmicas. Esses viajantes sabiam da existência de outros povos distantes do rio, porém, nem os barcos e nem os dromedários tinham acesso, por isso, demonizam esses povos. É o que mostra a citação abaixo:

---

<sup>36</sup> Au sud - ouest [des Berbera] se trouvent les Demdem , peuple sauvage qui va sans chaussures et sans habits. (KHALDUN, 1852, p. 407, tradução nossa).

Ao sul desse Nilo, vive um povo negro chamado lam-lam. Eles são pagãos e escarificam o rosto e as têmporas. [...] Mais para o sul não há civilização propriamente dita. Os homens que ali vivem assemelham-se mais aos animais do que aos seres pensantes. Vivem no mato e em cavernas e se alimentam de ervas e grãos crus. Há entre eles antropófagos, e não devem ser contados entre os seres humanos (KHALDUN, 1852, p.74 *apud* COSTA E SILVA, 2012, p. 40).

O meu objetivo aqui é explorar como o imaginário social é construído, dessa forma, é perceptível afirmar que à medida que esses povos islâmicos iam se aproximando e adentrando a essas regiões outrora inexploradas, o interesse por descobrir e compreender essas regiões também. Havia uma força natural, segundo a citação acima, que criava não apenas a cor negra como também a animalidade, isto é, a irracionalidade de determinados povos que viviam como animais.

Esse determinismo geográfico foi um elemento básico que surgiu para dar para esses povos mais um caráter depreciativo, como se a natureza os tivesse condenados a viver para sempre de tais formas, como ter a pele negra fosse sinônimo de inferioridade, como ter a pele escura fosse um fator imponente para não ser racional ou para viver como animais. De maneira geral, a cor negra era vista de forma condenatória, uma condenação da natureza humana e as pessoas que as tinham estavam sujeitas a viverem para sempre como marginais dos processos civilizatórios é o que mostra a referência abaixo da obra de Alberto da Costa e Silva:

Seu comportamento os aproxima dos animais irracionais. Diz-se que, em sua maioria, os negros da primeira parte do mundo moram em cavernas e nas florestas, se alimentam de ervas, têm os hábitos dos bichos, e não os dos homens, e são antropófagos. [...] Isso se deve ao fato de que, ao estarem afastados das regiões temperadas, se aproximam dos animais irracionais e se distanciam da humanidade por sua constituição e costumes. O mesmo se observa com respeito à religião: nada sabem dos profetas e não se submetem à lei revelada. Excetuam-se aqueles poucos que vivem próximos a regiões temperadas. É o caso dos abissínicos, que são vizinhos dos iemenitas e que eram cristãos antes do islã e continuam a ser até hoje. [...] Todos os demais habitantes dessas regiões de temperaturas extremas, seja ao sul ou ao norte, são ignorantes da religião, e o saber é desconhecido entre eles. Vivem distantes da condição humana e próximos da animalidade. (KHALDUN, 1852, p. 83, *apud* SILVA, 2012, p. 41).

Não faltaram formas desdenhosas para qualificar esse povo que historicamente vem sendo discriminado de diversas formas, um processo que percorre a imaginação de quem a cria e cuja disseminação toma proporções inimagináveis. O ápice do preconceito racial ganha forma quando a própria natureza é colocada contra todo um povo, quando transformamos sua pele em castigo divino.

A grande problemática dessas narrativas de viagens é o caráter unilateral de sua construção, a produção de uma história e as formas inadequadas de compreender todo um processo histórico-social de um continente que sofreu uma série de empreendimentos de vetor

negativo. Grande parte dos acontecimentos do século XIX ou do século XX provém dessa construção histórica medieval que causou a marginalização da população africana e esses processos foram justificados com um teor “científico” pautado nos valores religiosos muçulmanos.

Sendo assim, todas essas narrativas de viagens nos ajudam a compreender o quão complexa foi a investida árabe-muçulmana no continente africano. As formas preconceituosas e pejorativas mostram o quanto o Oriente foi decisivo para a marginalidade da cultura africana e como ela foi contada à sua maneira por esses viajantes. Podemos chegar a conclusão que esse meio de qualificar essa população tinha por finalidade a transformação dessas comunidades tornando-as muçulmanas, servindo, assim, aos viajantes árabes.

A contribuição de Ibn Khaldun foi imprescindível para que pudéssemos compreender os relatos e as informações produzidas no século XIV devido às suas experiências de viagens. Todavia, algumas das informações foram bastante difíceis de conseguir devido à pouca quantidade de material disponível em língua portuguesa; mais uma vez ressaltamos a importância do estímulo à pesquisa para que cada vez mais essas fontes se tornassem mais acessíveis para os historiadores/as.

Ademais, esse tema cujo valor é, sem dúvidas, rico em informações devido à sua gigantesca importância para a história, pois temos a possibilidade de exemplificar e esclarecer essas narrativas depreciativas. Posto isso, uma questão que irei trabalhar com mais especificidade posteriormente é o fato de que essas narrativas produziram na concepção social uma África sem particularidades, ou seja, as generalizações produziram a imagem de um continente inerte no seu próprio processo histórico.

As consequências dessas construções chegaram nos dias atuais e se instauraram em todas as esferas da sociedade, se transformando nesse racismo estrutural consubstanciado. Um dos objetivos será pensar como essas narrativas adentraram aos bancos escolares e passaram a ser disseminadas em massa pela comunidade escolar e como isso contribuiu para as formas universais de pensar a história desses povos.

#### **4 CAPÍTULO 3 - LIVROS DIDÁTICOS E A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DAS CULTURAS AFRICANAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA**

Diante do que foi abordado nos capítulos anteriores acerca dos problemas da História Única, nesse momento, vou abordar uma outra questão de extrema importância no que diz respeito às narrativas construídas no âmbito escolar. Essas perspectivas a respeito das narrativas construídas em torno da história africana resultaram nas visões depreciativas, nos conceitos pejorativos, nas formas preconceituosas de enxergar tanto a população africana quanto a população negra.

Nesse capítulo, vou fazer um aprofundamento no âmbito educacional para pensar a negligência com a qual a história da África foi tratada na educação básica. Isso envolve uma análise crítica de alguns autores e elementos presentes nos livros didáticos, além também das representações de homens e mulheres negros e negras tanto nos livros didáticos quanto no imaginário social. E por fim, foco central da pesquisa, pensar esses efeitos negativos e como eles corroboram para a formação de uma história africana marcada por estereótipos negativos.

Pensar o continente africano em todas as suas dimensões tal como as culturas, os povos, os modos de vida, suas organizações político-sociais, seus dialetos, tudo isso é um processo complexo e extenso que envolve um amplo campo de investigação. Contudo, ainda há resistência em pensar e reduzir as culturas do continente africano de modo superficial ou de modo genérico, e isso é percebido quando o continente é abordado apenas por tragédias, guerras e epidemias.

Esse modelo nocivo e reducionista se alastrou de formas diferentes por toda a sociedade brasileira e é incentivado por veículos de informações, propagandas e discursos preconceituosos que de modo direto ou indireto é estimulado no setor educacional<sup>37</sup>. Muitas das vezes, esses fatores acontecem de maneira inconsciente quando a cultura africana só é analisada sob o prisma negativo.

Inicialmente, cabe uma explicação do porquê escolhi o tema educação neste capítulo três. Diante do que foi exposto acima, há uma importância elementar nesta pesquisa de mostrar não apenas os meios que gestaram a problemática de narrativas unilaterais, mas também de expor a beleza que há na história africana. Por exemplo, no que envolve a arte, a literatura, a filosofia, as religiões, os dialetos, além das formas de

---

<sup>37</sup> além de uma justificativa contextual externa, em várias escritas a África é vista como lugar de produção de escravidão (CONCEIÇÃO, 2017, p. 41).

resistência. Eu acredito que todos esses elementos devem ser ensinados nas salas de aula. Para isso acontecer, deve haver uma mudança radical em como a história da África é ensinada nos bancos escolares, além de mudanças no material escolar que é um fator indispensável.

A escolha deste tema tem também por finalidade repensar e questionar um modelo de ensino eurocêntrico no qual super valoriza a cultura europeia. Vale ressaltar que é muito importante estudar a história da Europa, assim como de muitos outros continentes. No entanto, o questionamento que estou propondo é uma reflexão que envolve uma série de problemas, ou seja, será que a historiografia da África está sendo ensinada em sua totalidade sem preconceito ou estereótipos negativos tal como se ensina a história europeia com suas revoluções, emancipações, ou suas histórias de conquistas.

Esses e muitos outros questionamentos são importantes porque proporcionam uma forma de repensar o ensino de História da África no ensino básico das escolas brasileiras, tendo a África como protagonista de sua própria história e não mais reduzida a um processo colonialista europeu. De acordo com Carlos Moore, reafirmar e aprofundar as bases históricas de uma narrativa cujos protagonistas são o próprio povo africano e sua produção intelectual e científica (MOORE, 2008, p.18).

Aliado a isso, ressalto a grande importância da lei 10.639/03<sup>38</sup> que estabelece na rede de ensino a obrigatoriedade da presença da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essa lei proporciona um empreendimento de descolonização do currículo tornando a história da África um elemento obrigatório e importante. Porém, com a lei surgem novos desafios para os professores e professoras de história. Além disso, na lei 10.639/03, professores e professoras de história terão a possibilidade de abordar a história africana da perspectiva africana e não somente como produto secundário da história europeia<sup>39</sup>.

Com base no que foi tratado acima, é evidente que há uma negligência com

---

<sup>38</sup> BRASIL. LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182o da Independência e 115o da República

<sup>39</sup> passados mais de quinze anos da aprovação da referida lei, se percebe que sua efetivação no espaço escolar, ainda, demanda tanto elaboração de materiais didáticos, que tenham como princípio a desconstrução do preconceito racial vivenciado pela população negra, no decorrer da História do Brasil, quanto a formação de professores e de professoras comprometidas/os em repensar suas ações pedagógicas e questionar um ensino de história eurocêntrico. Não é muito lembrar que esse ensino euro-hegemônico gerou inúmeros estereótipos, os quais sustentam o racismo vivenciado pela população negra e a concepção preconceituosa sobre o continente africano no decorrer da história brasileira (FELIPE, 2020, p.2).

relação ao estudo da História da África nos bancos escolares.<sup>40</sup> <sup>40</sup>A negligência nesse sentido se dá por alguns aspectos que envolve, principalmente, a produção do livro didático do qual abordarei posteriormente. É necessário reconhecer a importância de estudar a história africana, porque a história da formação do Brasil está indissociável da história deste continente <sup>41</sup>e, por conseguinte, da ancestralidade brasileira.

Além do mais, é preciso ensinar uma história da africanidade no qual os protagonistas da história não sejam vistos com um sentimento de pena, reduzidos as torturas da escravidão ou somente vistos como objetos frutos da diáspora negra<sup>42</sup>. A beleza da África deve ser entendida e estudada como qualquer outra manifestação histórica, política e cultural.

Dessa forma, sanar essas dificuldades é implementar um ensino inclusivo e não excludente. Um ensino das culturas africanas desassociado dos processos de colonização como única forma de compreensão. Um ensino no qual todas as culturas africanas sejam contempladas em sua totalidade e junto a isto, suas manifestações culturais.

Além do mais, os desafios de ensinar a história da África não estão reduzidos apenas no âmbito escolar, mas em todas as esferas da sociedade brasileira. Há uma estrutura predominante de desvalorização da educação, da formação de professores e de um material especializado para trabalhar as questões que envolvem a africanidade, assim como muitos outros grupos historicamente discriminados pelas sociedades. Nas palavras de Anderson Oliva:

Fica evidente que ensinar a História da África, mesmo não sendo uma tarefa tão simples, é algo imperioso, urgente. As limitações transcendem—ao mesmo tempo em que se relacionam—os preconceitos existentes na sociedade brasileira, e se refletem, de um certo modo, no descaso da Academia, no despreparo de professores e na desatenção de editoras pelo tema (OLIVA, 2003 p.455).

Dessa forma, é notório perceber a negligência com a qual o ensino da África é tratado no âmbito escolar. As estruturas dessa problemática estão para além da sala de aula, a formação de professores nas universidades acabam sendo um elemento a ser investigado e

---

<sup>40</sup> A análise crítica da historiografia brasileira ainda existente mostra que essa história foi ensinada de maneira distorcida, falsificada e preconceituosa, comparativamente à história de outros continentes, principalmente do continente europeu e dos brasileiros de ascendência europeia. (MUNANGA, 2015, p. 25).

<sup>41</sup> História da África e a História do Brasil estão mais próximas do que alguns gostariam. Se nos desdobramos para pesquisar e ensinar tantos conteúdos, em um esforço de, algumas vezes, apenas noticiar o passado, por que não dedicarmos um espaço efetivo para a África em nossos programas ou projetos. Os africanos não foram criados por autogênese nos navios negreiros e nem se limitam em África à simplista e difundida divisão de bantos e sudaneses. (OLIVA, 2003, p. 424).

<sup>42</sup> Silêncio, desconhecimento e representações eurocênicas. Poderíamos assim definir o entendimento e a utilização da História da África nas coleções didáticas de História no Brasil. (OLIVA, 2003, p. 429).

pensado como fator que corrobora no problema que estou tratando. Todo esse contexto social e educacional atua direta e indiretamente no imaginário que é construído na educação básica brasileira. Isto é um desafio que há diante de uma sociedade com dificuldades de reconhecer e valorizar sua própria história<sup>43</sup>.

Cabe agora uma interpretação imprescindível acerca dos livros didáticos. Vale ressaltar que essa interpretação será feita de forma ampla e que abrange uma série de problemas e desafios para o ensino de história da África. A análise desses problemas será feita por meio de obras de outros autores com a finalidade de perceber como essas narrativas são construídas em diferentes perspectivas.

Os livros são um recurso necessário na formação escolar, porém, nesta análise vou abordar como os livros didáticos corroboram na produção de estereótipos no que diz respeito a historiografia africana bem como as limitações que esses livros possuem. O livro didático é mais do que um instrumento de ensino e aprendizagem, ele é um meio de propagação de informações, com um discurso válido além de um instrumento de poder já que é usado nas escolas para um público que está construindo um senso crítico acerca da sociedade<sup>44</sup>. Dessa forma, o livro na prática vem atendendo majoritariamente uma parte da sociedade, negando uma outra<sup>45</sup>.

Além do mais, o primeiro autor que vamos analisar é Anderson Oliva. O questionamento dele diz respeito ao espaço que é destinado a historiografia africana em comparação a historiografia europeia. Isto acaba validando parte de uma desvalorização das culturas africanas e dos afrodescendentes, consolidando uma supervalorização de uma cultura em detrimento de outras.

Até que ponto isso pode ser prejudicial ao ensino da africanidade e dos afrodescendentes? Principalmente quando não é contemplado as raízes culturais da história da

---

<sup>43</sup> O passado comunica o presente, o presente dialoga com o passado. Só assim nossa árdua função se recobre de significados e de sentidos. (OLIVA, 2003, p.423).

<sup>44</sup> [...]como analisa Mudimbe (2013). Para o autor, os processos que inventaram a África para o Ocidente foram calcados em sólidas estruturas discursivas, nas quais se incluem o paradoxo da alteridade e da identidade africana, como meandros para demarcar a diferença racial. Entretanto, como chama a atenção o referido autor, esse paradoxo adquire eficácia por meio do conhecimento como mecanismo fundamental de poder. Para ele “[...] o poder-conhecimento de um campo epistemológico é o que possibilita uma cultura dominante ou modesta.” (CONCEIÇÃO, 2017, p.37 apud MUDIMBE, 2013, p. 27).

<sup>45</sup> É um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Várias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca [...] Assim, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado (BITTENCOURT, 1997, p. 72/73).

África ou quando ela é posta apenas sob a perspectiva comparativa em relação à Europa<sup>46</sup>. Por essa razão, o autor ainda afirma que há também uma carga de significados eurocêntricos que servem mais para explicar fenômenos europeus do que a história da África.

Subsequente a esse espaço limitado para a historiografia africana, o que se encontra, geralmente, é livros escolares reduzindo este continente a diáspora africana por meio do atlântico. Isto acaba sendo um fator degradante para o ensino pelo fato do continente africano parecer sem autonomia e fora do âmbito da tomada de consciência sobre seus próprios processos. De acordo com o referido autor:

A grande maioria dos livros didáticos de História utilizados nesses níveis de ensino não reserva para a África espaço adequado, pouco atentando para a produção historiográfica sobre o Continente. Os alunos passam assim, a construir apenas estereótipos sobre a África e suas populações [...] A África aparece apenas como um figurante que passa despercebido em cena, sendo mencionada como um apêndice misterioso e pouco interessante de outras temáticas. (OLIVA, 2003, p. 428/429).

Por meio disso, pode-se concluir que é necessário abordar a estrutura da construção do material didático como meio de entender até que ponto eles estão auxiliando na produção de vetores negativos no âmbito educacional e, por conseguinte, na produção de mitos e visões extravagantes carregadas de preconceitos produto de uma História Única.

Dando continuidade a essa análise crítica, a historiadora Maria Telvira Conceição aborda os discursos de racialização da África nos livros didáticos com um recorte temporal entre 1950 a 1995. Uma questão bastante interessante que a historiadora retrata é sobre a escrita escolar e como ela está repleta de relações de poder e domínio bem como repleta de significados pejorativos que acabam construindo uma imagem deturpada acerca do continente africano.

Além do mais, a historiadora aborda que grande parte dessa escrita está amparada por conceitos colonialistas que acabam sendo inseridos no contexto escolar e por essa razão ganham *status* de validação sendo incorporados de maneira acrítica pelos estudantes. Nas palavras de Maria Telvira:

[...] ancorada em categorias coloniais, a escrita escolar, ainda que não seja exclusividade desta, constitui um elemento fundamental. [...] em que medida essas categorias vão sendo realocadas na escrita da História escolar, sobretudo por meio dos livros didáticos, adensando uma plataforma discursiva e racializante, cujo teor permeia não apenas o conteúdo da referida escrita, mas fundamentalmente as perspectivas sobre as quais se assentam essas abordagens endereçadas e/ou alusivas aos africanos e afro-brasileiros. [...] Uma das referências recorrentes nas escritas em

---

<sup>46</sup> Inicialmente, é importante salientar que em todas as escritas do período em questão há um discurso comparativo que está centrado no aspecto evolutivo, porém, absolutamente adjetivante. Essas comparações são diversificadas e envolvem desde a comparação entre um suposto estágio cultural dos próprios africanos até a hipotética distância cultural em relação aos europeus [...] teor comparativo está marcado pela ideia de primitivismo e tribalismo, como principais rótulos de adjetivação, mesmo quando referencia vivências históricas distintas. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 50 e 51).

questão é uma suposta associação dos africanos e do próprio continente à condição escrava, como algo inerente e um demarcador da sua identidade histórica. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 36 e 38).

Como já abordado em outros momentos dessa pesquisa, os elementos presentes no contexto escolar ganham relevância e dessa maneira passam a compor esses espaços dando legitimidade a discursos, representações e formas pejorativas. Uma outra questão interessante abordada em seu artigo e de grande importância para esta pesquisa diz respeito a ausência de imagens não visuais que estão presentes nos livros didáticos. Qual a grande consequência disso? A produção de imagens mentais carregadas de estereótipos pejorativos que já estão presentes na consciência de grande parte da sociedade brasileira.

Ou seja, a África grafada nessas versões de História do Brasil é pensada a partir da mobilização de imagens não visuais, evocativas de uma África cuja memória se ancorou sob imagens sem suportes materiais. Ao contrário, em noções e imaginários fortemente atrelados ao universo colonialista ou inventadas nesse contexto, como mostra Amselle e M'Bokolo. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 39 apud M'BOKOLO, 1999).

Uma outra abordagem acerca da escola e de suas práticas pedagógicas, com foco nos livros didáticos, é problematizado pelo historiador Delton Aparecido Felipe, em seu artigo Brasil – África: a formação docente para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana como estratégia de uma educação antirracista. O historiador traz uma questão bastante necessária com relação aos inúmeros estereótipos que há no contexto escolar e que para ele não deve haver omissão nenhuma em relação ao que é produzido ou abordado dentro desses espaços. Pelo contrário, é necessário perceber que a escola produz esses estereótipos acerca das múltiplas culturas africanas e do povo negro brasileiro. Tomando consciência desses fatos, é necessário criar práticas pedagógicas que atenuem esses efeitos negativos e pejorativos sobre esses povos. Nas palavras de Delton:

O primeiro passo para construir caminhos pedagógicos que nos ajudem a compreender e contextualizar as informações sobre o continente africano e sobre a população negra no Brasil é admitir que existem inúmeras visões estereotipadas sobre os povos africanos e seus diaspóricos, suas histórias e suas organizações sociais. [...] Cabe à escola a tarefa de pensar possibilidades de acesso às diferentes culturas e conteúdos escolares, não somente no sentido de incluir em seu calendário datas específicas, como o vinte de novembro, Dia da Consciência Negra, que é importante como demarcação política, mas não podemos limitar o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana somente nesse dia, semana ou mês, é preciso que haja a compreensão de que as diferenças e semelhanças entre culturas formadoras do Brasil devem estar em todo o currículo, durante o ano todo. [...] o racismo estrutural está presente no cotidiano da escola, levando à produção de um currículo eurocentrado, em que as outras culturas formadoras no Brasil, como a da população africana, fiquem à margem ou sejam tratadas de formas estereotipadas nas disciplinas escolares. (FELIPE, 2020, p. 9 e 13, grifo nosso).

Dessa maneira, a descolonização do currículo aliado a práticas pedagógicas e a inserção da cultura africana e afro-brasileira é uma iniciativa de empreender um ensino mais dinâmico e antirracista no qual todas as culturas estejam sendo inseridas no contexto escolar

de forma não excludente e não preconceituoso.

Ainda sobre essas representações nos livros didáticos, Ronilson Ribeiro aborda a seguinte questão: atualmente a historiografia brasileira junto com o movimento negro vêm criando novos horizontes para os temas que envolvem escravidão e a imagem do negro dentro da sociedade brasileira, além da identidade de africanos e afro-descendentes nos livros didáticos. No entanto, os livros didáticos ainda mantêm representações preconceituosas e estereotipadas nos livros didáticos.

Na citação do autor, ele explica como os livros didáticos ainda representam as pessoas negras e as culturas africanas. Diz o autor:

Aos negros, nas páginas brancas dos livros didáticos, continua ainda a função de personagem secundário, marginalizado, assistindo a atuação dos grandes sujeitos históricos em cena, na sua maioria brancos ou coadjuvantes dos brancos. Ainda são descritos como submissos, inferiores, exóticos – sujeitos distantes do que se convencionou chamar de sujeito universal: europeu, branco, masculino e cristão. (SANTOS, 2021, p. 17 apud RIBEIRO, 2007, p.47).

Dando continuidade a análise proposta, agora eu vou abordar sobre a construção social que é feita sobre a imagem do negro, sobretudo, na sociedade brasileira com foco no contexto escolar. Carlos Moore, pesquisador e cientista social dedicou-se ao estudo da história e da cultura negra, na citação abaixo, ele demonstra como o racismo age na sociedade de forma a dificultar o acesso de determinados segmentos da sociedade a recursos básicos.

O que estou propondo com isso é mostrar que esse racismo perverso atua direta e indiretamente na construção de uma imagem social de grupos historicamente discriminados como é a população africana e os afrodescendentes. Segundo Moore:

Nas sociedades atuais, os recursos vitais se definem em grande medida em termos de acesso: à educação, aos serviços públicos, aos serviços sociais, ao poder político, ao capital de financiamento, às oportunidades de emprego, às estruturas de lazer, e até ao direito de ser tratado equitativamente pelos tribunais de justiça e as forças incumbidas da manutenção da paz. O racismo veda o acesso a tudo, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo. A função básica do racismo é blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um continuum de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado. (MOORE, 2007, p. 284).

Além do que, como consequência disto, a mídia, os veículos de comunicação, as reportagens, os jornais, tudo isso corrobora para a construção da imagem depreciativa de homens e mulheres. Contudo, no cenário internacional, a imagem da África também é construída sob um viés que a coloca em uma situação pejorativa. Dessa forma, as pessoas tendem a incorporar essas narrativas prejudiciais. Esse fenômeno de reprodução simbólica do povo africano e afrodescendente consolida-se cada vez mais no dia a dia; isso acaba estimulando, por conseguinte, o pensamento estagnante no contexto escolar. Nas palavras de

Anderson Oliva:

Reproduzimos em nossas idéias as notícias que circulam pela mídia, e que revelam um Continente marcado pelas misérias, guerras étnicas, instabilidade política, AIDS, fome e falência econômica. Às imagens e informações que dominam os meios de comunicação, os livros didáticos incorporam a tradição racista e pre conceituosa de estudos sobre o Continente e a discriminação à qual são submetidos os afrodescendentes aqui dentro [...] Para além da educação escolar falha, é certo afirmar que as interpretações racistas e discriminatórias elaboradas sobre a África e incorporadas pelos brasileiros são resultado do casamento de ações e pensamentos do passado e do presente (OLIVA, 2003, p. 431).

Com relação à escola, como essas representações são construídas ou qual a imagem do Africano ou afrodescendente? Maria Telvira mostra que a imagem que se tem desses povos e dessas culturas estão associados ainda a escravidão repletos de categorias colonialistas. Segundo a historiadora:

Portanto, ainda que não seja expressivo, temática e quantitativamente falando, os conteúdos e as abordagens sobre a África, nas escritas em questão, são significativos, na medida em que pautam noções e referências alusivas a povos africanos, especificamente no que diz respeito a contextos e processos relativos à escravidão. A conotação racial que atravessa essas referências, em se tratando da África na sua vinculação com o Brasil, é inteligível, melhor dizendo, cria uma inteligibilidade norteada pelo imaginário dotado de noções advindas de categorias coloniais. (CONCEIÇÃO, 2017, p.49).

Diante disto, surge a importância de um ensino de história que não apenas valorize o ensino da africanidade, mas que também tenha por objetivo desconstruir esses estereótipos que são perpetrados contra esse povo. Além do que, é evidente que essa absorção de informações sobre a África impacta diretamente na construção de representações e, portanto, influenciando na forma como essas milhares de imagens da cultura tanto africana quanto afro-brasileira são construídas na sociedade<sup>47</sup>. Isto, em outras palavras, é uma forma de inclusão de assuntos, informações, conceitos e representações a todo um contexto escolar que vem abordando a africanidade como algo indiferente.

Outrossim, surge a necessidade de repensar qual o estilo de educação devemos ter nas escolas de ensino básico para que haja uma ampliação do ensino de história da África. Vou retomar a lei 10.639/03 que traz como obrigatório o ensino de história da África e dos afrodescendentes. Diante disso, é importante salientar que a aplicação dessa lei na prática não é uma prerrogativa exclusiva do professor ou professora de história, mas sim de toda a comunidade escolar, e juntos, estimular um ensino mais amplo contemplando todas as culturas existentes no contexto escolar brasileiro.

---

<sup>47</sup> Seria plausível, então, pensar que se uma criança africana, europeia ou brasileira for acostumada a estudar e valorizar apenas ou majoritariamente elementos, valores ou imagens da tradição histórica européia elas irão construir interpretações ou representações influenciadas pelas mesmas. Da mesma forma, se as imagens reproduzidas nos livros didáticos sempre mostrarem o africano e a História da África em uma condição negativa, existe uma tendência da criança branca em desvalorizar os africanos e suas culturas e das crianças africanas em sentirem-se humilhadas ou rejeitarem suas identidades. (OLIVA, 2003, 443).

Implantar uma educação que valorize a africanidade, as suas religiões, a ancestralidade de diferentes povos que foram retirados de seu contexto e inseridos de maneira forçada. Além de serem usados como objetos e instrumentos e diante dos horrores que foram perpetrados contra toda a população negra. A lei é, por conseguinte, um vestígio de que a cultura afro-brasileira faz parte da raiz cultural do Brasil e como tal, deve ser respeitada e estudada com foco no reconhecimento e na pluralização de suas formas. Além do que, esta lei implanta, entre outras coisas, uma forma de enxergar e implementar um estudo com foco na alteridade, isto é, no diferente que era visto com excentricidade.

Recuperar a cultura africana diante da fragilidade que ela foi posta é um processo gradativo que envolve um cenário complexo de agentes, isto é, escola e comunidade por meio de projetos e de um ensino que envolva todo o ambiente educacional. E cada vez mais valorizar a perspectiva da África como um universo histórico-cultural diverso e complexo (OLIVA, 2008, p.205) e dessa maneira, é necessário repensar junto a professores, pesquisadores e toda a comunidade escolar o modelo de educação que foi criado.

Segundo Ronilda Ribeiro, a autora usa um conceito chamado "*espelhado despedaçado*"<sup>48</sup> para se referir aos estudantes que foram, ao longo do processo educacional, submetidos a uma educação que via a África e toda sua cultura com signos de inferioridade. Com isso, vai crescendo nesses estudantes negros uma autopercepção de inferioridade em relação as outras pessoas, principalmente com relação a cultura branca eurocêntrica. Diante do que foi exposto, ela acrescenta:

[...] acreditar que 'eu venho de uma gente atrasada em relação aos outros povos do mundo' é bem diferente de saber que 'meus antepassados não viviam com o cabelo amarrado num ossinho, cozinhando brancos em caldeirões', mas integravam grandes civilizações, com magníficas arquiteturas, escrita própria, comércio internacional e refinadas obras de arte, faz, necessariamente, uma grande diferença (OLIVA, 2003, p. 205 e 206 *apud* RIBEIRO, 1996, p. 172).

Essa citação da Ronilda Ribeiro é uma evidência de que a educação deve ser melhorada no sentido de contemplar toda a cultura negra já que inconscientemente ela atua na formação de uma imagem social que há sobre as pessoas, as culturas e as tradições. E nesse processo de construção de uma história da África no contexto escolar, é necessário, como a autora aponta, uma pedagogia da autoestima, ou seja, uma educação que recupere a beleza do povo negro, que recupere a cultura negra de forma positiva, mas sem deixar de lado todos os seus processos de resistência que fazem parte de sua cultura diante das barbáries perpetradas

---

<sup>48</sup> OLIVA, A. R. A História africana nas salas de aula: diálogos e silêncios entre a Lei nº 10.639/03 e os especialistas. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades séries, pp. 195-210. ISBN 978-85-386-0383-2. Available from: doi: 10.7476/9788538603832. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>.

contra esse povo.

Apontados todos esses paradigmas do racismo na sociedade brasileira e principalmente na educação, cabe pensar quais meios poderíamos enquanto sociedade usar para atenuar o racismo presente em todas as esferas desta sociedade; eu acredito que o racismo nunca deixará de existir na sociedade atual, no entanto, usando práticas antirracistas na educação, ampliando os projetos pedagógicos em relação a cultura africana e afro-descendente e investindo em educação de qualidade, há uma possibilidade muito grande de diminuir os efeitos nocivos que o racismo traz para as pessoas negras e para as minorias historicamente discriminadas.

O historiador Carlos Moore em seu livro *Racismo e Sociedade* aponta algumas estratégias para coibir o racismo estrutural que existe na sociedade em todas as suas esferas, isto é, educação, segurança, política, saúde etc. De acordo com Carlos Moore:

A luta pelo pluralismo racial, a luta pela afirmação da diferença, luta contra o racismo, articulando-se igualmente a partir das estruturas sociais. A luta permanente, Multiforme e em todos os níveis contra o racismo, seja qual for sua forma, o contexto ou a instância na qual se manifesta, não poderá prescindir de vincular, e simultaneizar, uma ofensiva global orientada para três Campos diferentes: a) o desmantelamento da ordem de desigualdade socioeconômicas e políticas historicamente herdadas de um passado de conquista, colonização e escravização, mediante estratégias políticas especificamente voltadas para a Equidade sócio-racial em todos os âmbitos. b) a sustentação de uma campanha permanente de demolição do Imaginário raciológico da sociedade, ancorado em fantasmas raciais coletivos. c) a colocação de todas as características fenotípicas das populações que compõem a sociedade em um mesmo plano de valorização estético moral e afetiva. (MOORE, 2007, p.292, 293. Grifo nosso).

No entanto, de acordo com Cíntia Santos Diallo e Cláudia Araújo de Lima, no artigo História dos afro-brasileiros, africanos e a educação antirracista: o olhar das/os professoras/es das licenciaturas, apesar de ser voltado para o campo da licenciatura, as historiadoras trazem uma lição que pode ser implementada em qualquer nível educacional, principalmente no ensino superior e básico já que ambos atuam diretamente. Segundo as historiadoras:

A educação antirracista, portanto, envolve múltiplas estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e superar formas de discriminação e opressão ponto final essas mudanças envolve a avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal.

Em outras palavras, a mudança de currículo permite uma educação voltada para valores inclusivos, e nesse aspecto, das populações africanas e afro-brasileiras. Ampliar essas discussões em torno da inserção das culturas africanas no ensino básico é promover e valorizar um ensino que pensa nas diversas culturas formadoras da cultura brasileira, e desse modo, tentar minimizar os danos causados por um currículo com marcas da colonização.

Por fim, pensar esses aspectos em torno do livro, ou seja, como a todo instante a pesquisa girou em torno de refletir e abordar esses aspectos que envolvem narrativas, a produção da escrita histórica didática, as representações, portanto, qual seria o meio mais

adequado a ser implementado no âmbito educacional? De acordo com Jéssica Silva Santos, no artigo: ensino de história da África: um olhar sobre um livro didático a partir da lei 10.639/2003.

A historiadora aborda que para os novos tempos, é necessário novos métodos de ensinar história, esses métodos devem recobrir todo o ensino de história que antes fora negligenciado. Como fazer isso? Ensinando o óbvio que parte da capacidade de refletir, repensar, interpretar aquilo que é abordado em sala de aula. Nas palavras da historiadora:

Mas essa imagem negativa, diz o autor, não se limita apenas em substituir um livro “ruim” por um “bom”. É preciso ampliar os horizontes da leitura, criando novas práticas de ler, interpretar e pensar o mundo “para além dos ‘conteúdos corretos’ de forma a-crítica, passiva e entediante” [...] A importância que o livro didático exerce no processo de ensino e aprendizagem revela a necessidade de, não só introduzir, mas ampliar este tema nos currículos escolares. Desde muito tempo ele tem sido a única ferramenta de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas aulas em praticamente todas as disciplinas e nas mais diversas condições pedagógicas. (SANTOS, 2021, p. 17 e 18).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas depreciativas, portanto, permearam o imaginário social de forma que as culturas africanas passaram a ser vistas sob um estigma depreciativo. A grande consequência dessa construção unilateral que originou a produção de uma História Única desencadeou formas de tratamento não apenas das culturas africanas como também das culturas afrodescendentes.

Além disso, a finalidade principal era compreender os impactos dessas narrativas na realidade prática e como ela corrobora na construção do racismo estrutural tão presente na sociedade brasileira. Ademais, o propósito subsequente também está relacionado em verificar seus impactos na educação com a produção de uma visão reducionista produzidas pelos livros didáticos e que representam o continente africano sempre como produto de uma história eurocêntrica e, dessa forma, racista e depreciativa.

O propósito alcançado foi compreender e refletir sobre essas narrativas e, por meio desse trabalho, ter um olhar mais crítico acerca dessas narrativas tanto no dia a dia quanto por meio escrita dos livros didáticos do ensino básico. No entanto, pesquisar sobre as culturas africanas em tempos históricos tal como o período medieval, acaba sendo um desafio devido às limitações de fontes em português e que acaba sendo um desafio para falantes de língua portuguesa.

Porém, superadas essas limitações, esse trabalho faz parte de uma proposta de recuperar a autoestima que foi roubada durante muitos anos de desqualificação das culturas africanas, dessa maneira, novas narrativas foram construídas com uma perspectiva africana sobre a própria África.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BEKRI, Tahar; LAABI, Abdellatif; MENGA, Guy; NGAL, M.a.M. **Dialogue Maghreb/Afrique Noire**. Revue du livre: Afrique, Caraïber, Océan Indie. 1988. p. 16 a 25.
- BITTENCOURT, C. **Livros didáticos entre textos e imagens**. São Paulo. Editora Contexto. 2005. p.68 a 149.
- CONCEIÇÃO, Maria Telvira. **Os Discursos da Racialização da África nos Livros Didáticos Brasileiros de História (1950 a 1995)**. Porto Alegre. Educação & Realidade. 2017. p. 35 a 58.
- DIALLO, Cíntia Santos; LIMA, Cláudia Araújo de. **História dos afro-brasileiros, africanos e a educação antirracista: o olhar das/os professoras/es das licenciaturas**. São Paulo. Educ. Pesqui. 2022.
- FELIPE, Delton Aparecido. **Brasil – África: a formação docente para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana como estratégia de uma educação antirracista**. In: *Revista Eletrônica de Educação*, v.14, 1-15, e3372087, jan./dez. 2020.
- HALL, J. **Quem eram os gregos**. In: *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 11: 213-225, 2001.
- HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.
- KAPPLER, Claude. **Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média**. Martins Fontes. [tradução Ivone Castilho Benedetti]. — São Paulo : Martins Fontes, 1993. — (Coleção O Homem e a História).
- KHALDUN, IBN. **Histoire des Berbères et des dynasties musulmanes de l'Afrique Septentrionale**. Tradução: M. le Baron de Slane. The University of California, Alger, Imprimerie dugouvernement. V. 1,2, 3 e 4. 1852.
- KI-ZERBO, Joseph. **Introdução Geral**. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2, ed. Brasília : UNESCO, 2010.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Tradução: Marie-Agnès Chauve, prefácio: Maria Isaura Pereira Queiroz. São Paulo, Editora brasiliense, 2003.
- LENK, Wolfgang; MORAIS, Leonardo Segura. **Aproximação a Al-Muqaddimah: Ibn Khaldūn em perspectiva historiográfica**. Universidade Federal de Alfenas - Campus Varginha, ABPHE. 2021.
- MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?**  
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para compreensão do Racismo na História.** Belo Horizonte. Mazza Edições. 2007.

NASCIMENTO, Gabriel. **Do limão faço uma limonada: estratégias de resistência de professores negros de língua inglesa.** São Paulo. Faculdade de letras, filosofia e ciências humanas. 2020.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A história africana nas salas de aula: diálogos e silêncios entre a Lei nº 10.639/03 e os especialistas.** In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 195-210. ISBN 978-85-386-0383-2.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática.** In: *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 3, 2003, pp.421-461.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário Ocidental e o ensino de história da África no Mundo Atlântico (1990-2005).** Brasília-DF, setembro de 2007, Universidade de Brasília, 2007. p. 404.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **O que as lições de história ensinam sobre a África? Reflexões acerca das representações da História da África e dos africanos nos manuais escolares brasileiros e portugueses.** In: *Revista Solta a Voz*, v. 20, n. 2. 2010.

SANTOS, Jéssica Silva. **Ensino de História da África: um olhar sobre o livro didático a partir da Lei 10.639/2003.** Rio de Janeiro. ANPUH-Brasil - 31º Simpósio Nacional de História. 2021.

SILVA, Alberto da Costa e. **Imagens da África.** São Paulo: Companhia das Letras. 2012.